Cinearte

LAWRENCE TIBBETT
CATHERINE DALE OWE

ANNO V N. 251
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 17 DE DEZEMBRO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

Loteria Federal

DIA 20

PLANO DO NATAL

E' provavel que Thomas Meighan appareça em algumas fitas da Fox.

◈ ◈ ◈

Squadrons, da Fox, dirigido por Alfred Santell, tem o seguinte elenco: Charles Farrell, Elissa Landi, Pat Somerset, Ian Mc Laren e Ronald Goetz.

◈ ◈ ◈

Monta Bell vae refilmar seu antigo assumpto, *Man Woman and Sin*, que fez para a M. G. M., ha tempos, com John Gilbert e Jeanne Eage's, para a Universal, esta vez

◈ ◈ ◈

Norman Kerry tambem figura no elenco de *Dishonored* o film de Von Sternberg, para a Paramount, que tem Marlene Dietrich e Victor Mac Laglen nos primeiros papeis.

◈ ◈ ◈

A M. G. M. acaba de lançar, para uso de "cabines" de projecção, um systema de guia para acompanhar os films fallados, na fórma dos ro'os para auto-piano. São furos que sobem ou descem e indicam, facilmente, a altura do som a ser observada durante a projecção. Não é sem tempo, mesmo, porque o pessoal de "cabine" nem sempre sabe se orientar e, ás vezes, neste ponto, ouvimos os maiores disparates que chegam até a estragar o film.

◈ ◈ ◈

Para uma semana de apparições pessoaes no palco do Publix Theatre, em Toledo, Jack Oackie recebeu a importancia de 5 mil dollares...

◈ ◈ ◈

Esther Ralston devia ter, em *Dirigible*, o papel que Fay Wray desempenhou. Não o teve, porque quiz ser a principal do elenco e da publicidade, e como Jack Holt e Ralph Graves já o eram, não entraram em accordo, ella e a Columbia. Qual! Essa mania de "estrellas" pensarem que sempre são primeiras figuras é que estraga muitas dellas...

com George O'Brien, lembram-se?... Será dirigido por Irving Cummings.

◈ ◈ ◈

Peverell Marley divorciou-se de Lina Basquette. A causa que elle allegou é que sua esposa era demasiadamente ciumenta. A testemunha a seu favor foi Thelma Todd. Agora, meus amigos, quantos mezes para elle se casar com a... testemunha?...

◈ ◈ ◈

A First National fará as seguintes versões estrangeiras: *Sintfuld*, versão allemã de *Sin Flood*, com Anton Pointer, Lissi Arna, Carla Bartheel e Leon Janney. E a versão franceza de *Sacred Flame*.

◈ ◈ ◈

Irving Cummings deixou a direcção do film que estava fazendo para a United Artists, com Ronald Colman e George Fitzmaurice irá completar o film. Quando assumiu o trabalho, no emtanto, deliberou, em vista de ser pouco o trabalho feito por Cummings, começar tudo de novo e foi o que fez.

◈ ◈ ◈

Adolphe Menjou terminou, para a M. G M., uma versão allemã com a Nora Gregor e Paul Morgan no elenco, tambem.. E' a terceira lingua differente que elle fala ao microphone. Esse Menjou...

RECTOR

17 — XII — 1930

CINEARTE

LEILA HYAMS...

ANNO V
17 de
DEZEMBRO
de
1930
NUM. 251

S amadores de apparelhos de reproducção dos sons, quer os que possuem victrolas, que se satisfazem apenas com os captadores de irradiações, conhecem os discos em serie que cada vez mais frequentemente vão apparecendo e que já contêm operas inteiras cantadas por artistas de maior ou menor renome, italianos ou allemães em sua maioria.

Não se trata de uma ou outra scena, mas de todo o poema musical.

Não tardará que o Cinema sonoro comece a apresentar producções identicas, se é que já não existem feitas, ignorando nós ainda a sua existencia. E' essa uma das possibilidades do cinema sonoro a que temos feito constantes allusões. Para a educação musical das pupulações do interior do paiz que só pelo disco conhecem, se é que conhecem, as obras primas dos grandes compositores, essa modalidade de film será de grandes vantagens. A Italia, repetimos o que por varias vezes affirmámos, está, graças ao numero de seus cantores, em condições muito superiores aos outros paizes para se lançar a esse campo de producção; espanta mesmo que já o não haja feito, resolutamente, aproveitando as vantagens que a sua situação privilegiada lhe assegura.

Varias operas forneceram o thema para films silenciosos. Nada menos de umas cinco ou seis versões da "Carmen", para não citar outras, lembramo-nos de haverem passado por nossas telas.

Se a versão silenciosa de um enredo de opera obteve successo, tanto que repetido, isso não está claramente a mostrar que o film falado terá o successo plenamente garantido. Imaginemos, com as possibilidades do cinema, muito superiores ás do theatro, por mais perfeitas que sejam as machinarias theatraes, como as operas de Wagner por exemplo, em que os olhos se comprazem por igual aos ouvidos, poderiam constituir verdadeiras obras primas de technica cinematographica, fornecendo material de primeira ordem para espectaculos que produziriam successos de primeira ordem.

As pompas dos scenarios, a grandiosidade das massas de figurantes poderão no film attingir proporções nunca vistas, sequer sonhadas em theatro.

E é a esse genero de films que deverá talvez o cinema seus maiores triumphos.

Não sei se os leitores se recordam da exploração commercial que durante mezes se fez em um cinema, á rua Visconde do Rio Branco, não nos lembramos ha quantos annos, da *Viuva Alegre*, com cantores por traz da tela. O publico acudia em massa a esse espectaculo que hoje ninguem supportaria no seu ridiculo. O exemplo serve apenas para mostrar as possibilidades do genero, realizado o film hoje, integrado por meio dos dispositivos que tornaram possivel a reproducção, cada dia que passa mais perfeita, da voz humana na fita cinematographica.

Ha de haver, alhures, quem se tenha apercebidos já dessas possibilidades e dos primeiros passos para a creação do genero film-lyrico no campo da cinematographia.

Na producção actual do film sonoro, raros são os que se salvam. A maior parte constitue-se de *botas*, destinadas previamente ao insuccesso. Sabem porventura os nossos leitores algo a respeito?

卍 Não se devia mais perdoar um film brasileiro com má photographia.

卍 Conheci um cavalheiro que me aconselhava sempre a filmagem de "Filha adoptiva". Este cavalheiro achou que em "Sangue Mineiro" faltava enredo..

卍 Todos viviam a dizer que os films brasileiros eram sem beijos e que os nossos artistas nem sabiam beijar...

Campogalhani e Laetitia Quaranta, marido e mulher, foram os principaes em "A esposa do Solteiro" e philosophia á parte, não se beijaram. Quando appareceu um "still" de Almery Steves e Ary Severo num beijo, ferveram os commentarios. Um beijo, emfim!

Depois dos beijos de "Barro Humano", "Sangue Mineiro" e... "Labios sem beijos"... acham agora que os films só têm beijos... Demasiados beijos...

卍 Duvido que Norma Talmadge ou Gloria Swanson sejam mais conhecidas no Brasil do que Gracia Morena.

卍 A maior parte não fazia fé na Revolução e ella venceu porque o povo se manifestou. Repararam quanta gente já aprecia os nossos films e escreve aos nossos artistas pedindo retratos?

卍 A imaginação dos directores e scenaristas brasileiros é limitada. Antes de pensar uma scena elles têm que pensar se a podem fazer.

卍 Com quinhentos contos e, digamos, com technicos de valor, produzir-se-ia um film colossal, não ha duvida. Mas rehaveriamos este dinheiro? Podem-se fabricar sapatos, cuja mão de obra e material fiquem em duzentos mil réis, para vendel-os a cincoenta?

Cinema do

Mario Peixoto dirigindo uma scena de "Limite" com Taciana Rei.

Lelita Rosa, estrella de "Labios Sem Beijos" da Cinédia.

卍 Entrevistado uma vez em Cataguazes e interrogado sobre o que achava mais difficil para fazer Cinema no Brasil, Humberto Mauro respondeu:

— "O mais difficil é acabar o film".

Uma grande verdade. Quantos empecilhos, e quantas difficuldades, problemas e aborrecimentos apparecem em meio da producção de um film brasileiro!

Nem sempre é a falta de recursos financeiros, artisticos ou technicos que faz parar a filmagem de uma producção.

卍 Geralmente quando se fala em Cinema no Brasil, apparece alguem opinando que devemos produzir films porque temos lindas paizagens... E ás vezes é alguem que implica com o elogio á nossa natureza, de todo estrangeiro que aporta ao Brasil. Esse alguem sempre sabe de uma cachoeira muito

Reminiscencia: Carmen Santos e Luiz Soröa em "Sangue Mineiro".

bonita que seria um colosso para um film...

卍 Entretanto, houve muita gente que achou que "Labios Sem Beijos" tinha muitas paizagens e outros que disseram que estavamos gastando todas as bonitas e que assim não teriamos mais para os proximos films.

卐 O que atrapalha muito tambem a imaginação dos nossos directores e scenaristas é a educação do povo brasileiro. Nos films americanos, uma pequena está sempre sózinha e vae a todo o logar. Nos films brasileiros... para se fazer um idyllio escondido dentro do "velludo" do film e sem modificar o caracter da protagonista, é tudo mais difficil...

卐 Tenho duas primas em São Paulo. Ambas viram um film e ambas me descreveram, por carta, a sua historia, o seu enredo... Uma me escreveu dezoito folhas com a historia bem detalhada. Prestei attenção nella e não gostei. A outra me escreveu apenas uma folha relatando um trecho do mesmo. Gostei tanto!...

E' por isso que eu fico triste quando me perguntam pela historia de "Barro Humano", tão cheio de tantas historias, de tantos dramas, de tantas observações... Cinema, é "tratamento", porque não existem mais do que umas trinta historias...

Brasil

"Labios sem beijos" tem a historia de *Chispa de Fogo*, um enredo tão bonito, como me disse uma vez a Tia Julieta. Mas eu fui ver o film brasileiro e nem quiz saber da historia. Gostei daquella tempestade que parecia invadir a alma de Lelita Rosa e Paulo Morano. Gostei daquella cruz, simples papagaio sem papel que despertou a consciencia de Paulo Morano. As paizagens eu conhecia, mas estavam "cortadas" de uma maneira que me pareceram inéditas. Apreciei a ironia daquella cascatinha sem agua... e aquella pequena que toma nota de um telephone num sapato... Gostei dos angulos da machina, da scena final e do sub-entendimento daquelle beijo no automovel... os films estrangeiros ha muito tempo que não nos apresentam essas cousas...

WALDI BRAGA QUE FIGURA EM "A TORMENTA" DA SALFA-YARA.

卐 Tio Miguel não gosta dos artistas brasileiros. Elle foi ver a "Parada das maravilhas" e gostou muito de John Barrymore. Não perde um film de Montagu Love. Lembra-se sempre de Lon Chaney em "O corcunda de Notre Dame...

卐 Se por acaso um film brasileiro falha em bilheteria, todos falham que o mal é geral na nossa pequena industria. Mas ninguem indaga por que, entre centenas de films estrangeiros, os de Mary Pickford não fazem successo.

Ronaldo de Alencar em "Iracema" da Metropole Film.

卐 Ainda bem que muita gente está levando o Cinema Brasileiro mais a serio do que os nossos proprios productores...

卐 Não são poucas as pessoas que dizem que o Cinema Brasileiro vive de photographias. E' pos isso que o Cinema europeu não vive...

卐 Ha tambem quem ache alguns films brasileiros muito americanizados. Erro de observação. Elles se parecem com Cinema e como Cinema em geral só fazem os americanos... dahi a impressão errada.

Entretanto, tudo que está em "Barro Humano", por exemplo, existe no Brasil. Mesmo que houvesse uma photogenia exaggerada, não fazia mal. "Ambiente Cinematographico". A Paris dos films americanos é mais bonita do que a Paris dos films francezes...

Assim, tratemos nós mesmos de apresentar um Rio de Janeiro mais bonito, como não existe mesmo.

Film bem brasileiro talvez seja aquelle que tenha muitos caipiras, violas, bahianas de doces, quitandeiros, policiaes de côr e magros e casas de sapê...

Joan agarrou Mitzi pelos cabellos e atirou-a a distancia. Depois, atirou-se sobre ella e esmurrou-a, deu-lhe pancada como se em Mitzi estivesse concentrado todo o seu grande desejo de vingança... Foi Lupine que as separou, auxiliando Joan. Lupine tinha uma quéda decidida por Joan e, assim, aquella era uma excellente opportunidade, realmente, para lhe demonstrar as suas preferencias e para Joan, sem duvida, embora Lupine não a interessasse, absolutamente, aquella figura de apache, habil esfaqueador e melhor batedor de carteiras, representava alguma cousa que ella temia.

A briga de Joan e Mitzi, afinal, tinha sua razão de ser. Ella apanhara a apachinette ensinando seu irmãozinho, Petite, na arte de bater carteiras e, raivosa, liquidara com a criatura canalha. Vivendo embora naquelle meio sordido, numa das espeluncas mais vis de Paris, mesmo, Joan conservava puros, corpo e alma. Fôra criada naquelle ambiente. Ali crescera, ali vivia. Não sabia se afastar delle e nem tinha forças para tanto. Mas sabia preservar Petite de se tornar um apache e a si propria de se deixar vencer pelos convites, cada qual mais caprichoso que lhe fazia Lupine.

❖ ❖ ❖

Dias depois, a um dos assaltos que Lupine costumava levar a effeito, a companhia de Petite fazia-se necessaria e, sob um pretexto muito differente, conseguiram afastal-o dos olhos de Joan e, assim, levaram-no comsigo. Quando já sahiam, surprehendidos pela policia, reagiram os apaches de Lupine e como Petite, inexperiente, ficasse entre os dois fogos, foi attingido, immediatamente por uma bala que o proprio Lupine atirou. Rapido, apanhando-a creança nos braços, correu elle pelas ruas escusas das proximidades e vendo um taxi que se achava parado, mais ou menos proximo do ponto em que estava Joan, deixou elle, ali dentro, o corpo agonisante de Petite.

Flor do Peccado

Avisada Joan, tempos depois, como doida correu ella em direcção ao posto de soccorro mais proximo e lá é que se encontrou com o dr. Raul Deboise.

— Salve-o, doutor. E' a minha unica alegria, na vida!

Raul examinou-o. O ferimento, a angustia daquella apachinette. O ambiente daquelle bairro... Elle disse que nada podia fazer. Receitou e disse-lhe que fosse á mais proxima pharmacia. Passos adiante, Joan comprehendeu. Aquella receita era o aviso á policia. Voltou e ainda apanhou Raul.

— Dr. eu lhe peço! Não deixe meu irmão morrer! Depois eu lhe prometto que irei á policia para quaesquer declaraçõs que lhe interessem! Pelo amor aos seus, dr., salve este que é tudo que me resta de agradavel, na vida...

Quando ambos se voltaram para Petite e Raul quiz interferir, afinal commovido pelo sentimento que nas palavras de Joan descobria, era tarde. Petite fallecera.

No seu desvairamento, na sua angustia, a figura que ella condemnou por aquella morte, foi Raul. Atirou-se sobre elle, com seu punhal e tel-o-ia cravado nas costas do medico se não fosse a intervenção do pastor Colomb.

❖ ❖ ❖

Dias e mais dias se passam. A clientella de Raul naquelle bairro, sempre vasta e compensadora, escasseia, dia a dia. Cada dia que se passa é de menos illusões para Raul. E assim é que elle vem a saber que partia de Joan aquella campanha diffamatoria que o ia deixando sem opportunidades e a qual ella levava a effeito da maneira mais habil que encontrara.

Encontros, discussões, brigas, novos encontros e, finalmente, Joan e, Raul completamente apaixonados, um pelo outro. Restava um obstaculo: a educação pavorosa de Joan e o meio em que Raul a encontrara.

Um dia, no emtanto, regressando á sua casa em companhia do pastor Colomb, Raul encontra aquella, offende-o, brutalmente e lhe diz que é por causa de batinas, mesmo, que o mundo não gira como deve girar.

No dia seguinte, no emtanto, Raul procura Colomb na cathedral. Conta-lhe que se quer casar com Joan e pergunta-lhe o que aconselha.

— Raul, eu conheço Joan desde muito pequenina. Nunca soube de nada que a desabone quanto ao caracter e á moral.

no seu quarto, Joan e a sua bagagem toda.

— Vou morar comtigo!

Raul pensa. Depois falalhe, com toda calma. Não era possivel. Elles não eram casados e ficaria muito mal ali ficar em sua companhia emquanto não se celebrasse essa mesma união legitima. Joan, no emtanto, attribue a attitude de Raul á presença do pastor e, sem mais

DOLORES COSTELLO	Joan Villaire
CONRAD NAGEL	Dr. Raul Deboise
GEORGE STONE	"Rato"
PHILIPE DE LACY	Petite
LIONEL BELMORE	Papae Colomb
WARNER RICHMOND	Lupine
NENA QUARTARO	Mitzi

(Termina no proximo numero)

O que Norma Shearer pensa do Amor

(DE L. S. MARINHO, representante de CINEARTE em Hollywood).

Norma Shearer tambem pensa. E eu que pensei que as estrellas não pensassem... Foi com o pensamento nisso que resolvi procural-a. Encontrei-a occupadissima. Norma Shearer é sempre occupada... Quando não está filmando, está fazendo festinhas ás bochechas rechonchudas do filhinho. Quando não está fazendo festinhas ao filhinho, está fazendo festinhas ao maridinho Irving Thalberg e... ninguem tem nada com isso, é logico!

Assim, foi impossivel falar com a Norma Shearer. Actualmente, dada a sua fama e as suas occupações, creio, mesmo; que seja mais facil falar com o presidente Hoover, em Washington, do que com a Norma Shearer, no Studio ou em sua casa... Mas sou teimoso... O que me interessava, era facil. Queria saber o que Norma Shearer pensava do amor. Mandei um bilhetinho e, com a politica favoravel que encontrei, em redor do caso, solucionada ficou a questão.

Dias depois, num papel correctamente da cty lographado, Norma enviava-me, por intermedio de quem levou o recado, algumas laudas de papel dactylographado e, nellas, a confissão do que ella pensa do amor... Li, sofrego. Sempre me interessei pelas opiniões de Norma Shearer. Linda, extraordinariamente linda. Seductora. Exquisita. Norma Shearer era uma das artistas que eu sempre preferi. Chega!!! Vamos ouvir o que ella pensa do amor...

— O amor é... Sim! E' a razão da vida.

Refiro-me ao amor-sentimento, ao amor-coração, aquelle que une num laço só, para sempre, e que não leva fantasias no seu nome singelo e puro.

— Devoção materna, idolatria, fascinação, paixão e admiração, não são amor. São sentimentos egoistas uns, falsos, outros. Amor... E' aquelle que se compõe de um pouco desses sentimentos todos. Sabe ter o ardor da paixão, a dedicação do affecto de mãe, o estremecimento do fraternal e, ainda, o impeto que arrasta á propria idolatria. Isso é amor. Amor de principiante, cheio de romance, poesia; encantamento, ou amor de *madurões*, cheio de conhecimentos e desillusões, todo theatral, é sempre amor. Não póde deixar de ser assim, logo que seja um sentimento sincero.

O amor não conhece idades. Para ser completo, o amor deve saciar toda a sede de illusões da alma e mitigar a fome de paixão dos corpos. Um simples beijo, na mocidade, é uma illusão ao luar, muito cheia de phrases ôcas e mãos entrelaçadas, não é amor. E' passatempo. Amor é alguma cousa que arranca o ultimo sacrificio do coração para depositaI-o aos pés do ente amado...

Romance, é uma poeira de sonho que se esvae. Paixão, fogueira violenta que se apaga. Amor, imperecivel sentimento que só termina depois da morte...

Da imperfeição de todo ser humano é que nasce, ás vezes, o perfeito amor. E' raro. Rarissimo, mesmo, mas existe.

Na vida, só existe um amor. Se elle for partido e a desillusão apagar tudo, do coração, morrerá elle para o lado exterior da vida, mas, dentro do coração elle proseguirá sempre, até á morte. Eu, confesso, só amei uma vez na vida. Profundamente, enraizadamente. Se este amor morrer, isto é, se houver a separação de nossas almas, eu viverei sorridente, como sempre, mas, intimamente, espicaçada pela saudade, pela recordação sempre agoniada daquelle sentimento de verdade que se foi para sempre...

A pessoa que ama, passa para plano secundario tudo quando absorve seu tempo e sua attenção, na vida: negocios, carreira, gloria, tudo, em summa!

A mulher, se quizer ser e viver feliz, não deve concentrar, no amor, toda sua vida. Porque, nesse caso, tem 90 probabilidades de se illudir e de ver toda sua vida arruinada e 10 de encontrar, realmente, a felicidade que almeja. Se conseguir ter uma occupação, deve trabalhar e apenas "flirtar". Quando chegar o verdadeiro amor, então, apanhe-o e ame. Ame de verdade. Muito, e muito, para todo o sempre. Mas antes disso, só risadinhas, olhares, gracinhas e mais nada... — Em favor do amor, uma mulher jamais deve desistir de sua carreira. Deve ser a primeira clausula do contracto matri-

(*Termina no fim do numero*)

MENTIRAS de MULHER

(DONA MENTIRAS) — Film Paramount

CARMEN FARRABEITI	**Luisa Rollan**
FELIX DE POMES	**Roberto Deval**
CARMEN MORAGAS	**Hilda Montel**
MIGUEL LIGERO	**Carlos Tellier**
ELENA D'ALGY	**Anna Maria Lemontier**
MODESTO RIVAS	**Antonio Renaud**
MERCEDES SERVET	**Amelia Renaud**
JOSE' PENA	**Bob Deval**
CARMELINA FERNDS. GARCIA	**Adelina Deval**

Director: — ADELQUI MILLAR

Roberto Deval, abastado senhor de uma grande fortuna, promettera á sua filha Adelina que lhe levaria um presente. E era por isso que elle ali se achava, proximo ao balcão servido por Luisa Rollan e procurava, entre outras, a dadiva preferida pela filha.

Viuvo Roberto, solteirona Luisa, estabeleceu-se entre ambos, sem que comprehendessem o motivo, uma amisade sincera e grande. E quando, dias depois, deram accôrdo de si, Luisa e Roberto amavam-se. Mas amavam-se como muito poucos poderiam crer. Elle, com a intenção séria de a levar ao matrimonio e ella, por sua vez, sem um só olho na fortuna de Roberto, uma das mais solidas e das mais admiradas de todo paiz.

Isso, no emtanto, era justamente o que os outros não criam. Hilda Montel, amiga intima de Luisa e materialista e gananciosa ao ponto de só apreciar o luar, porque o acham de "prata", não acreditava no affecto sincero de Luisa. Admirava-lhe, isso sim, a "perspicacia" com que soubera amarrar o melro aos seus encantos já em época de murchar...

O mesmo dava-se com Carlos Tellier, amigo chegado de Roberto Deval e outro absoluto e completo descrente das intenções honestas de Roberto em relação a Luisa.

Era natural, no emtanto, que assim pensassem os estranhos. Roberto e Luisa, afinal, não eram creanças. Illusões, para elles, não eram cousas que outros acreditassem possivel. E, assim, lutavam contra o falatorio do mundo e da sociedade e, principalmennte, contra os commentarios desairosos dos seus amigos intimos.

* * *

Tempos passados, a situação de Roberto e Luisa aggravou-se. Bob e Adelina, os dois filhos de Roberto, puzeram-se, raivosos, ao lado dos tios Renaud, Antonio e Amelia, os quaes, sempre rigidos nos seus principios, afiançavam que aquillo que Luisa estava fazendo não passava, mesmo, de uma manobra feliz de aventureira contumaz.

— E' claro! Pois então é possivel, que uma mulher se apaixone pelos quarenta annos de Roberto, ou o mesmo romantismo e a mesma illusão de uma donzella de 15 por um rapaz de 18?... Não póde ser! E' exploração e da grossa!

E eram deste teor as phrases que se ouviam. Anna Maria Lemontier, diziam todos, é que era a mulher que convinha a Roberto para ser a substituta de sua segunda esposa. Tinha posição, dotes physicos e intellectuaes e o que mais possa reunir uma mulher de sociedade em si e que Luisa Rollan com certeza não tinha, humilde e simples como era.

* * *

Vendo que de nada adiantavam seus rogos, Bob e Adelina tomam a suprema resolução. Infantil e infeliz como só essa podia ser. Uma occasião que Roberto não se achava em casa, Bob telephona a Luisa e lhe pede que chegue até sua casa, sob um pretexto qualquer. Tempos depois, chega Luisa. Introduzem-na para a sala e, lá, defronta-se ella com Bob e Adelina.

— Somos, senhorita, filhos de Roberto Deval...

Luisa emocionou-se. Pela physionomia de ambos, no emtanto, não lobrigava nada que fosse favoravel para a sua situação.

— Desejam falar commigo?...

Bob resolveu-se. Exaltado, inflammado, mesmo, Bob esqueceu-se das medidas. Passou-as.

— Sabemos, senhorita Rollan, que o que lhe appetece são os milhões de nosso pae. Sabemos, tambem, que o tem bem preso ás malhas dos seus carinhos e, assim, o que lhe queremos pedir, agora, é uma cousa bem simples: comprehenda que não a queremos e nem a podemos tolerar como madrasta! E' espontaneo isto que lhe estamos dizendo. A nós, confssamos ainda, adianta-nos, isso sim, Anna Maria Lemontier como madrasta, uma mulher que apreciamos e á qual nosso pae não dá a menor importancia por causa do amor que lhe dedica. Estou sendo rude, cruel, bem o sei, mas, senhorita Rollan, era preciso que lhe dissesse, francamente, o que eu e Adelina pensamos deste caso.

Luisa preferiu não responder nada. Apenas disse, com os olhos quasi rasos d'agua, quasi trahindo a immensa e profunda emoção que lhe tolhia a propria fala.

— Bem, Bob, se acha e sua irmã, tambem, que não sou digna de compartilhar, comvosco, a amisade de Roberto, eu saberei tudo fazer para que não succeda o que os aborrece tanto...

E antes que a emoção a tolhesse, ali mesmo, retirou-se.

Mal sahira Luisa, Bob e Adelina, já contentes, receberam a visita de Hilda, a amiga intima de Luiza.

— Sou Hilda Montel, amiga intima de Luisa Rollan.

— Muito prazer e...

— O que lhes venho dizer, meus meninos, é alguma cousa que não sabem. Mas, antes, quero a confirmação de minhas suspeitas. Chamaram Luisa aqui, com certeza, para a dissuadirem de se casar com vosso pae, não é?...

— Realmente e quem lho disse?...

(Termina no fim do numero)

Alguma cousa sobre John Barrymore

John Barrymore é mais do que uma simples figura que representa papel importante na arte de representar. John Barrymore é uma lenda.

Dizem, muitos dos seus amigos mais chegados, que o maior papel que elle até hoje representou, foi o de *John Barrymore* mesmo...

Hamlet, Ricardo III, nada mais são do que variantes do seu temperamento. Elle proprio, John Barrymore, é que é uma caracterização que raramente elle tem vivido...

Elle não sabe se é sua descendencia artistica, ou sua indole, ou o que seja. Sabe apenas que sente certos impulsos e precisa representar. E' tudo!

Sobre o seu caracter quanto á sua vida privada, formou-se, mesmo, um grupo de anecdotas que, infelizmente, a maioria dellas, não podem ser impressas por motivos todos especiaes e pelo caracter que esta revista tem. Pelo mundo todo espalham-se essas mesmas anecdotas. E, na maioria, ellas contam phases deste artista quando moço, bem moço, mesmo e, depois, com o avançar constante da sua carreira como jornalista, artista e, finalmente, creador genial e maior artista dos palcos americanos e mundiaes, pela opinião sensata de muitos e refinados artistas.

Dizem, agora por ultimo, que estes ultimos tempos John Barrymore tem sido typo do homem-familia. Vive para a arte e para o lar. Ou está representando, ou está dando a mammadeira á filhinha...

Uma das qualidades principaes em John, defeito talvez, segundo opinião de outros, é a profunda ironia com que fala e com que age. Ha bem pouco tempo, conversando com elle, disse-lhe um amigo que tres artistas das mais bonitas de Hollywood, haviam dito que, elle, ainda que não fosse um perfeito amoroso e amante, era, com certeza, um marido fidelissimo e excellente. A isto, num daquelles seus movimentos de sobrançelhas, John respondeu, calmamente, quasi sorrindo. "Mas como sabem ellas?... Eu nunca me casei com ellas..."

John Barrymore, pelo que contam amigos seus que o conhecem ha muito, foi, na mocidade, um estroina terrivel e um gosador inveterado. Tudo para elle, na vida, era pandega. Mentia descaradamente e até chegava a roubar, por troça, quando ia a qualquer restaurante ou qualquer outro ambiente assim, colheres, pratos, garfos e mais pertences... Não deixando este habito, roubou de sua avó Drew, mesmo, um rosario que appetecia a uma de suas amantes e, com isto, tornou-se o feliz apaixonado da dita... Elle proprio, narrando esses factos, lamenta as apprehensões e os aborrecimentos pro fundos que causou aos seus paes e á sua avó, com essas aventuras e esse seu espirito tremendamente destruidor.

George Bridgman, professor e artista, mestre de John, disse delle a seguinte phrase:

— A originalidade das creações de John é evidente. Mas sempre mostraram uma profunda influencia vinda das illustrações de Doré. Elle, nas suas creações, punha o instincto do pintor.

Doré, a Barrymore, foi infligido, a primeira vez, como castigo. Uma copia do *Inferno,* de Dante illustrado pelo celebre francez, deram-lhe para ler quando elle tinha apenas doze annos. Isto, como castigo por ter elle aggredido um collega, atirando-lhe um ovo podre na cara...

E, depois disso, elle proprio não pode fugir á inspiração constante que Doré começou a exercer nas suas caracterizações. E, estylizando, em todas as suas creações, o typo *macabro* oriundo de Doré e suas imagens, foi elle aperfeiçoando esse mesmo estylo até tornar-se universalmente famoso por esse mesmo motivo.

Além disso, ao mesmo tempo que aprendia representação, Barrymore aprendia pintura. E, nos esboços dos quadros que fazia, tambem notava-se, claramente, a influencia de Doré. O seu quadro, *The Hangman* (o carrasco), vendeu-o elle a Andrew Carnegie pela importancia de 10 dollares. E, mais tarde, como desenhista e illustrador, conseguiu elle collocação em um jornal razoavelmente importante da localidade.

No *New York Evening Journal,* trabalhou elle oito mezes no seu officio. Costumava, sempre, illustrar os contos de Arthur Brisbane e, uma occasião, chegou a ver uma das suas illustrações de estylo tragico, impressionante, symbolico, dando vida aos versos de Ella Wheeler Wilcox.

Isto, no emtanto, provocou, da parte da poetiza, uma violenta reacção e elles, os dirigentes do jornal, mandaram John á sua residencia, explicar. Lá, explicando-se, elle disse:

-- Minhas illustrações, madame, são, provavelmente defficientes porque, creia, não cursei sufficientemente o instituto de arte que devia cursar. Além disso, não sei desenhar pés, confesso e é por isso que em todos os meus desenhos eu sempre arranjo grama para esconder os pés dos meus bonecos...

Dahi para diante, divertindo-se ella com o que lhe disséra Barrymore, conformou-se com todas as suas illustrações. Mais tarde, despediram-no do jornal por causa de um desenho em forma de caricatura que elle fez, sobre um determinado e escabroso caso politico...

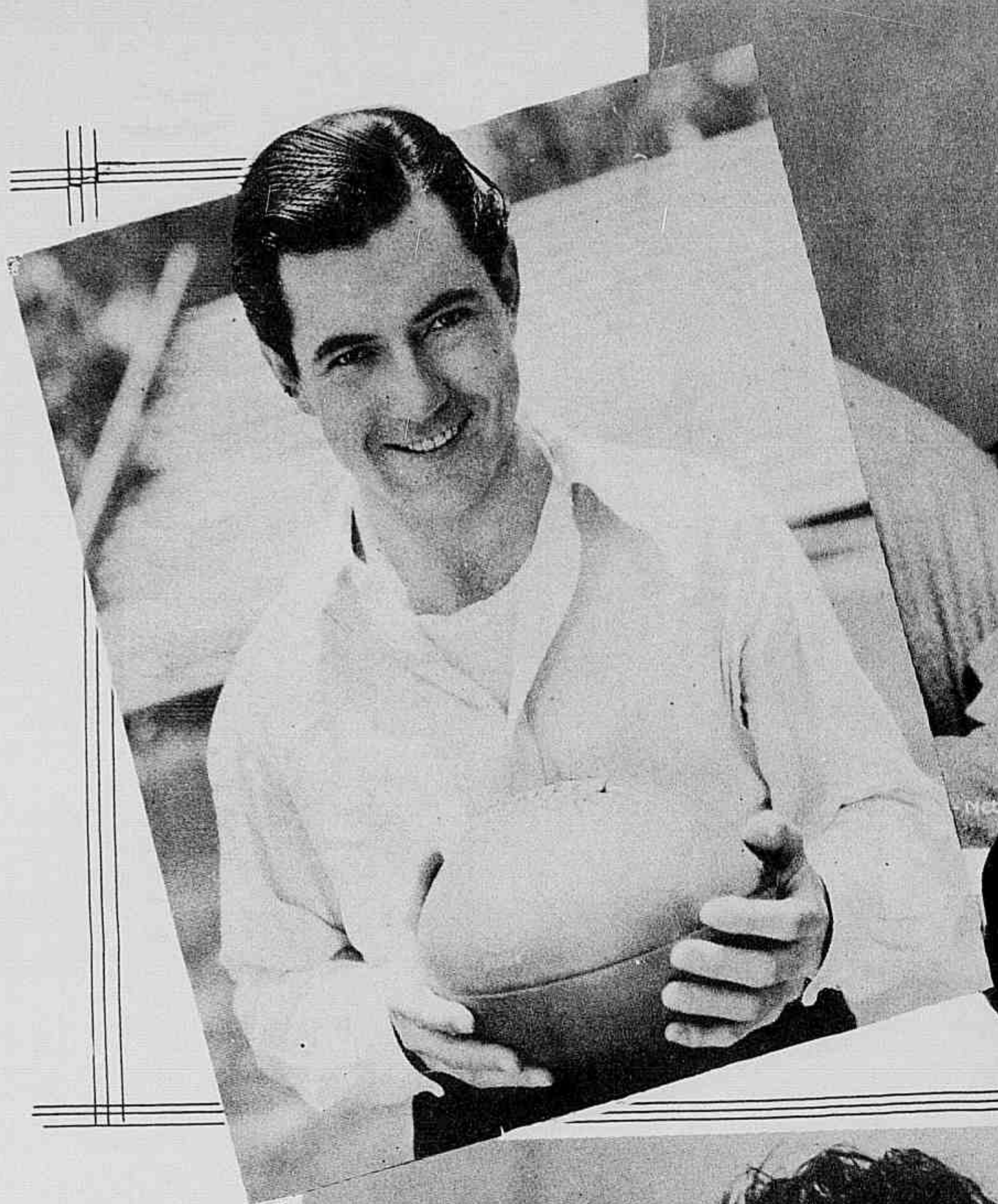
Da arte de pintar e desenhar, Barrymore passou á arte de representar.

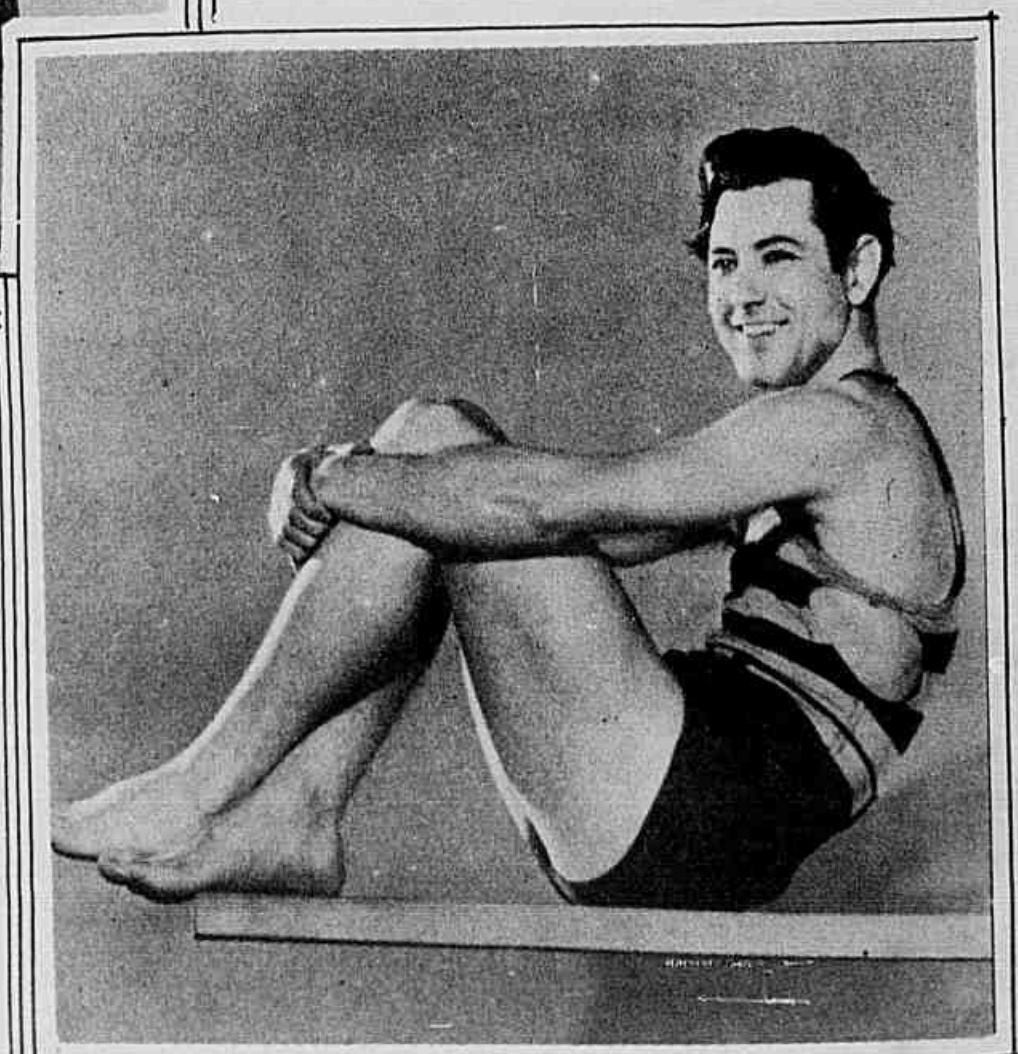
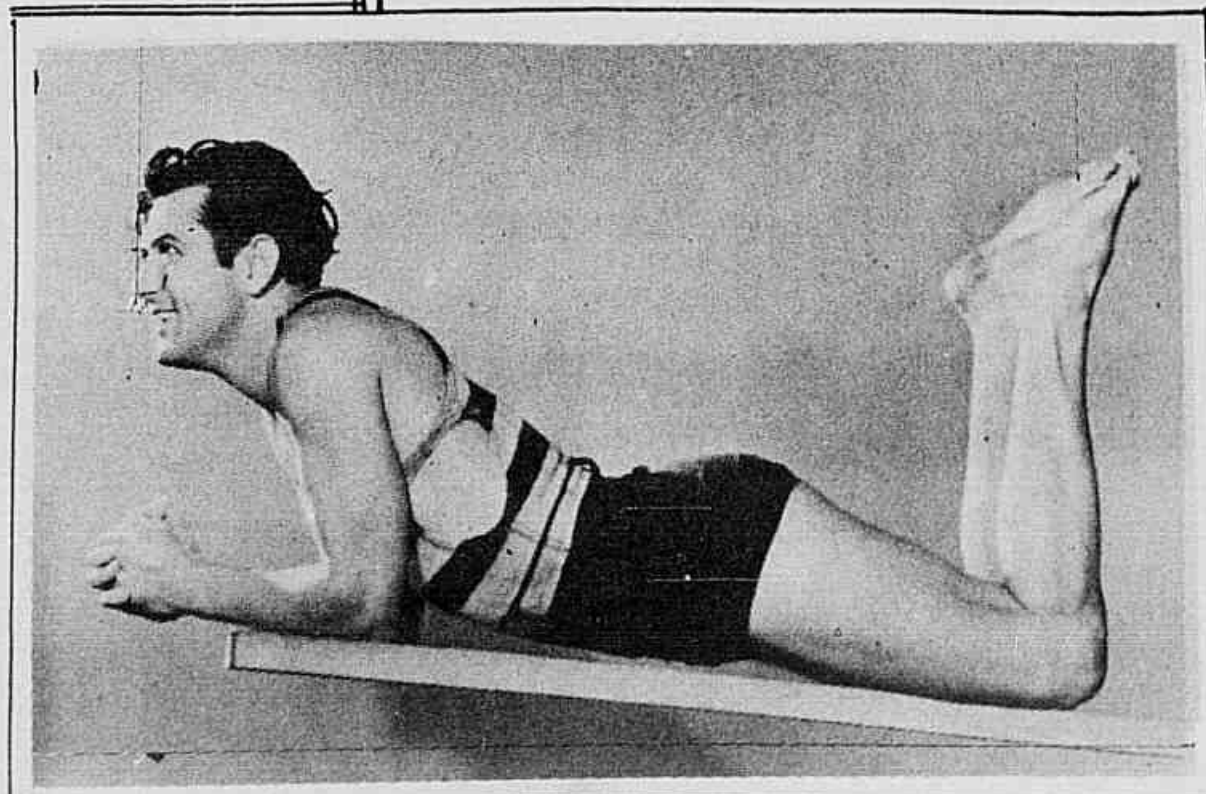
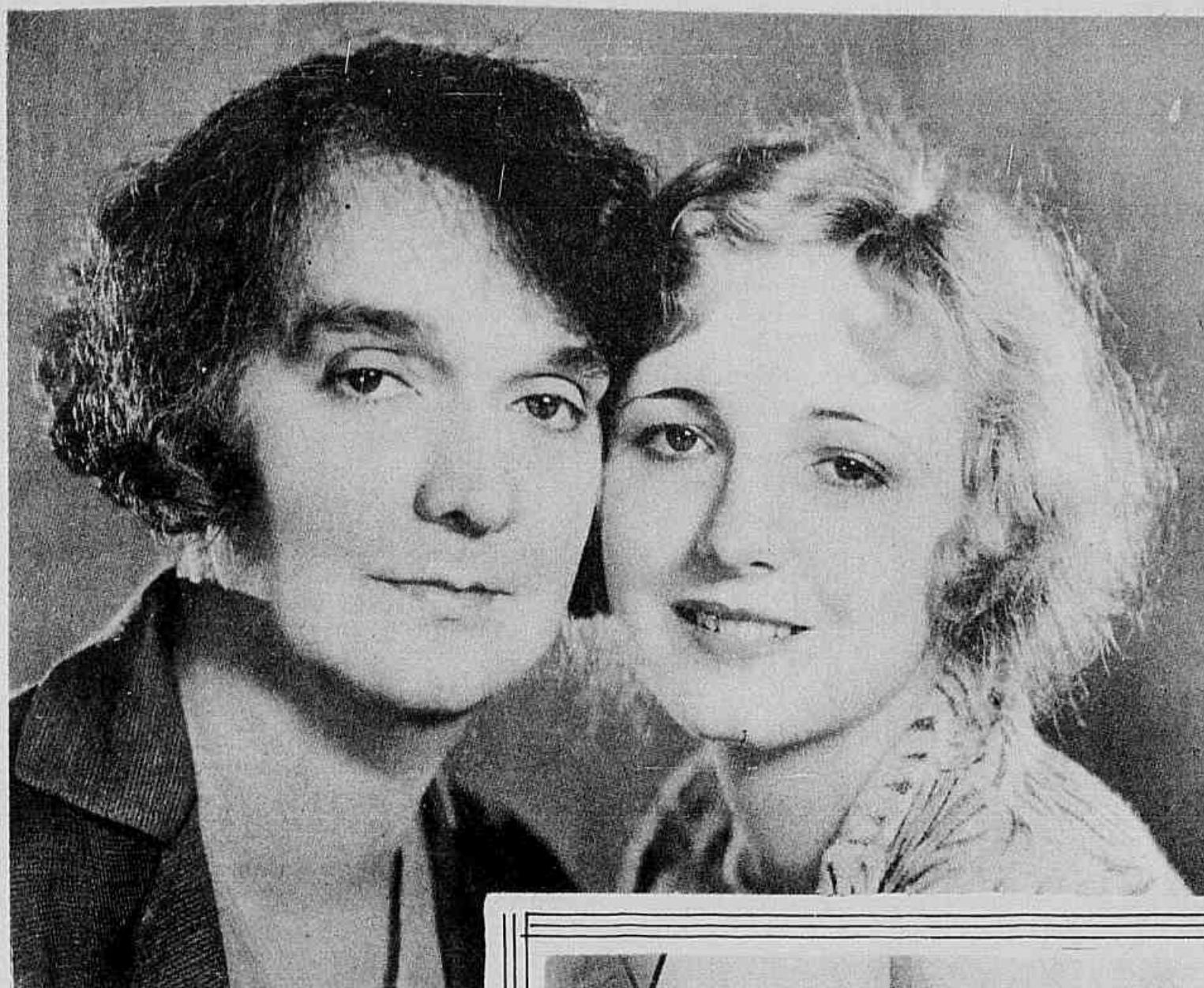
— Passei-me para o theatro, porque contava encontrar ao menos dinheiro, já que esperanças não me restavam muitas, pois, além de tudo, considerava-me pessimo artista.

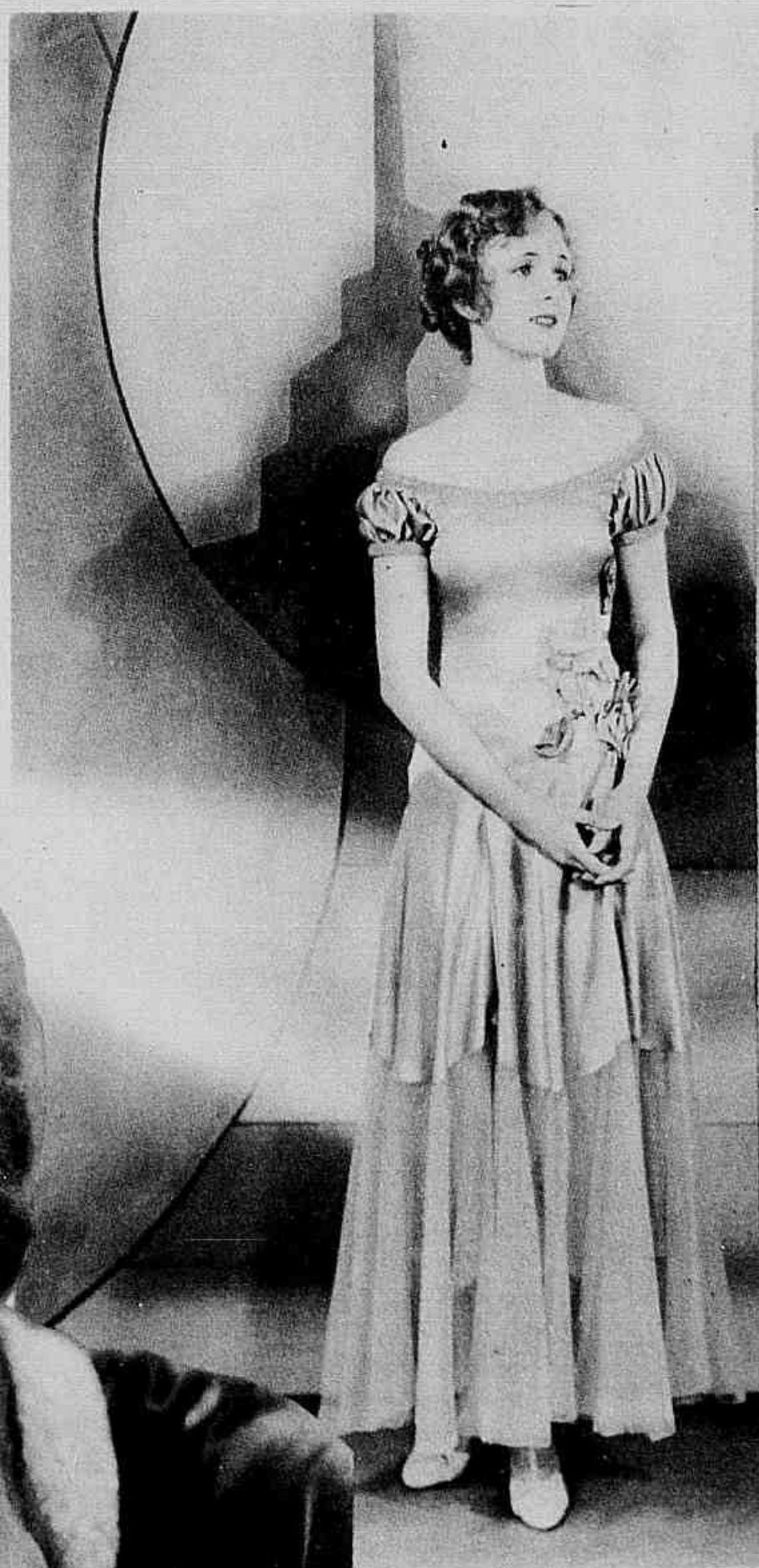
Um dos motivos pelo qual elle talvez seja o mais formidavel dos Barrymores, é, justamente, pelo pouco caso que elle liga *á honra artistica* da familia e á sua descendencia de *famosos* do palco americano. Ligando pouco, tornou-se elle, apesar de tudo, o melhor e o mais sincero.

As amisades de Barrymore foram sempre cousas caracteristicamente suas. Conheceu grandes personalidades e as quaes até honra sentiam em ser amisades suas: — reis, rainhas, nobres e outros deste naipe. Mas os artistas obscuros é que o interessavam deveras. Rip Anthony e Frank Butler são exemplos disto. O ultimo era um singelo jornalista.

Jim, o porteiro de um dos Studios em que

(Termina no fim do numero)

John
Mack
Brown.

Sempre amando
Joan
Crawford...
nos films...

Mamãe Powers é sympathica, não é?

Lucille Powers, carinha nova em Hollywood.

E' loura, o sorriso é bonito e os seus vestidos tambem têm gosto.

Porque os homens se

Kay Francis

Muitas têm sido as maneiras empregadas pelas mulheres para fazerem os homens se apaixonarem. No emtanto, as maneiras de cada uma dellas pareçe ser differente da outra...

Começamos, nosso interrogatorio, por Betty Compson. Ella é uma figura lindissima, insinuante, conquistadora, mesmo. Hugh Trevor, que trabalhou com ella, fóra da téla, todo mundo sabe disso, andou tonto por sua causa... Quando a interpellei sobre o assumpto e lhe pedi que me contasse bem direitinho o seu segredo, ella me disse, sorrindo.

— A questão toda, meu amigo, não é fazer o homem ficar apaixonado. A questão é, justamente, **evitar** que elle se apaixone... Se uma mulher é attrahente, pode contar, na certa, que os homens por ella se apaixonarão. Não precisa fazer nada e nem empregar methodos, porque, afinal, a cousa é expontanea e vem nem que ella não queira... Certos typos de homens sentem-se sempre attrahidos por certos typos de mulheres. E' a lei da natureza. Se uma mulher tem um typo de mulher leviana, ousada, que bebe e fuma e dansa, irá encontrar, pode ter certeza disso, um homem inteiramente differente no seu carminho... Se ella é modesta e cheia de virtudes, encontrará outros e de typos completamente differentes. O caso de fazer um homem se apaixonar, portanto, depende apenas da qualidade de homens que ella quizer prender ao seu coração. O meu sincero conselho, á uma pequena que esteja tentando interessar, por si, o homem que admira e pretende conquistar, é estudar, antes de mais nada, o que elle gosta e o que elle não gosta. Depois disso, então, a tarefa é facil... Muitos, gostam de ser seduzidos com garridice. Não por palavras. Por gestos e por maneiras que o façam suppor que a creatura tudo está fazendo para o agradar. Se fôr uma pequena modesta, delicada, simples, conquiste o seu homem e esteja certa de uma cousa: ha de o conservar sempre ao seu lado.

Kay Francis foi a segunda que ouvi sobre o **caso**. Vampiro, dos films, ella é, realmente, uma das figuras mais impressionantemente seductoras de Hollywood. Ha de ter pensamentos interessantes, com certeza. Quando lhe contei ao que vinha, riu-se ella e respondeu, promptamente.

— Podem lá existir regras para o amor?... E' apenas um assumpto de personalidades differentes, disposições especiaes e mais uma serie de cousinhas desse genero. Quando uma mulher se apaixonar verdadeiramente por um homem, no emtanto, ella deve fazer tudo para que esteja sempre de accordo com o que elle queira. Se ella estiver apaixonada, fará tudo expontaneamente. Se não estiver... representará!

—E... vestidos?...

Perguntamos.

— Qual! Os homens pouco entendem de vestidos, meu amigo! Se uma mulher está bem vestida, elle se impressiona bem e é tudo quanto elle sabe do assumpto... Os soffrimentos que uma mulher tem com seus vestidos e com a moda, meu amigo, não são apenas por causa dos homens, creia. E', quasi sempre, uma questão de orgulho proprio e, ainda, para por inveja no coração de outras mulheres e obrigarem-nas a tomar mais cuidado com os respectivos vestidos...

Já que falavamos com Kay Francis, uma das mulheres mais bem vestidas de Hollywood, não podiamos, **realmente**, deixar de ouvir Lilyan Tashman, outra **rainha** da moda desta Cidade de Cinema...

— A mulher, quando estiver ao lado do homem que lhe interesse, deve ser, antes de mais nada, bôa observadora. Deixe que elle fale de si proprio o quanto entenda. Os homens, quasi todos, têm esse costume de falar de si proprios... Ria o mais possivel com as piadas ou anecdotas que elle porventura conte, ainda que já tenha ouvido a mesma cousa uma bôa duzia de vezes e ainda que sejam as peores do mundo. Seja, sempre, um vinho de sabor agradavel para o paladar do homem que lhe interesse. Peça o seu conselho, para tudo, ainda que faça tudo completamente differente. O importante, minhas amigas, não é fazer o homem ficar apaixonado, não. O importante é conservar o amor desse homem depois que elle saia de perto de si. E' isto que requer muito cerebro da mulher e muita astucia, sem duvida. E' preciso que você se faça sempre indispensavel para elle. Faça, para o seu agrado, cousinhas que ninguem faz. Torne-se profundamente sympathica para elle. E, antes de mais nada, mantenha-o sempre em attitude de observação e espectactiva... Os homens, creiam, não gostam de ter plena confiança numa mulher...

Lilyan, é preciso que notem, é a feliz esposa do feliz marido Edmund Lwe. Ella sem duvida conhece o **mettier**...

— A ausencia, em certos casos, faz o coração sentir mais saudades.

Terminou ella, olhando-me um sorriso mau de ironia...

Dorothy Lee

Marlene Dietrich, a nova tempestade allemã desencadeada em Hollywood, foi a seguinte que ouvimos.

— Fazer um homem ficar apaixonado, é destino e não formula, meu amigo. Attrahir um homem, é uma cousa. Fazel-o ficar apaixonado, outra, completamente differente. Pode-se planejar, perfeitamente, uma conquista physica. Mas uma conquista intellectual, ou antes, uma conquista de alma, é muito mais difficil e requer uma premeditação mais importante e garantida. Qualquer mulher pode attrahir um homem, pela mesma razão que qualquer homem pode attrahir uma determinada mulher. Para isto, é logico, bastam os attributos physicos. Mas amor?... Ah!, é differente... O amor é um caso objectivo e não pode ser controlado subjectivamente...

Marlene, sem duvida, pode ser professora de uma Academia de amor, e, assim, é justo que tomemos em muita conta as suas considerações. Ouçamos, agora, Dorothy Sebastian, filha do Estado de Alabama e, portanto, mais provinciana e, menos sabida do que a berlinense Marlene...

— A qualidade principal para a mulher, na minha opinião, deve ser a **coqueterie**. Todos os homens sentem-se impressionados com isso. Fazel-os crer que são homens de grande importancia tambem é um bom systema a usar. Intimamente, de coração, toda mulhe. é uma bôa artista.

E, nessa arte, a mulher nunca deve ser falsa, porque embora os homens o sejam, em grande maioria, não toleram justamente esse defeito em qualquer mulher. Ainda que muitos digam que os homens temem e detestam as mulheres intellectuaes, eu acho que não. Uma mulher intelligente sempre é um grande attractivo para um homem. Um homem de espirito brilhante, respeita e admira uma qualidade identica numa mulher. Se elle não é, crê e confia que sua mulher o auxilie, nesse particular.

Lila Lee, que se encontrava doente quando a procuramos para conhecer sua opinião, foi uma que a disse logo e com segurança.

— Como fazer um homem ficar apaixonado?... A maneira mais facil creio, é nunca procurar conhecel-o e fazer com que elle creia que nós o conhecemos, perfeitamente... Ser sempre

o mais natural possivel e evitar muita affectuação. Muitos são os homens que gostam das mulheres perigosas, mas devemos nos lembrar que não todos os que gostam. Nunca deve uma mulher discutir problemas financeiros ou negocios com o homem que ama. Deve deixar que elle faça isso tudo sózinho. Os vestidos, na mulher, são parte integrante da sua seducção sobre o homem que visa.

Ouvimos Mary Duncan, tambem. Ella pertence ao typo de mulher que obriga os homens a parar e a pensar na possibilidade de a ter como namorada, esposa ou amante... Os homens gostam della, procuram falar com ella. Quando ella entra em qualquer ambiente, as esposas, logo, instinctivamente, sentem vontade de pôrem os maridos no seguro...

— Os homens gostam de ser vistos em companhia de mulheres vistosas. Aquillo os faz vaidosos! A mulher nunca deve ser demasiadamente desprendida ou altruista. Deve, antes de mais nada, pensar em si propria. O homem aprecia immensamente esta qualidade na mulher...

O conselho que Dorothy Lee dá, apesar de muito joven, não deixa de ser interessante, é logico.

— Ainda sou muito joven para dar conselhos, no emtanto, sob meu ponto de vista, posso falar. Um espirito de camaradagem, creio, é que torna facilmente uma amisade numa mutua admiração. Se encontrar um homem que seja apaixonado pelas cousas de sertão, e, depois disso, nós constantemente nos encontrarmos, é questão de tempo o fim: uma grande amisade! E amigos intimos e grandes, é logico, tornam-se, depois, apaixonados, na certa...

Foi a ultima opinião que ouvimos. Algumas **vampiros**. Algumas creaturas simples e algumas ingenuas, mesmo...

Concordam?...

— oOo —

Marlene Dietrich

Betty Compson

Mme. J. Bruno-Ruby vae dirigir para a Gallia Films, em collaboração com Jean Cassagne, um film sonoro e falado, cujo "scenario" foi escripto especialmente por Jean Vignaud, autor de

Lilyan Tashman

"Sarati, le terrible", "La maison du Maltais" "Vénus", etc.

卐

Charles de Rochefort, passa as suas férias na pesca e Enrique Rivero na equitação.

卐

Germaine Rouer, Annabella, Harry Krimer, Paul Olivier, Mme. de Lorlay, Janine Parys, Jean Brunyl, Christian Casadesus e Jean Bradin, estão no elenco de "Deux fois vingt ans", cuja direcção será de F. Tavano.

卐

O proximo film de René Clair será inspirado numa comedia de Georges Berr e Guillemand — "Le million".

卐

Jacques Bousquet terminou o "scenario" de sua operetta-film "Le huitiéme boy", cujas filmagens serão iniciadas brevemente.

卐

Raimu estreará no Cinema falado, no film "Chotord & Cie.", sob a direcção de Roger Ferdinand.

卐

Jane Marnac tambem vae fazer a sua estréa no Cinema, apparecendo num film das Producções Osso.

卐

Walter Ruttmann acaba de assignar um contracto com a Gaumont-Franco Film, apparecendo num film cujo titulo provisorio é "On tourne Faust".

卐

Jean Weber e não Paul Bernard, fará "L'Aiglon". Victor Francen fará Flambeau.

卐

Em "A mi-chemin du ciel", a nova producção de Alberto Cavalcanti, tomam parte os artistas: Enrique Rivero, Thommy Bourdelle, Marguerite Moreno, Jeanine Merrey, Gaston Mauger, Jeanne-Marie Laurent, Jean Mercanton, Pierre Sergeol e Raymond Lebourcier.

卐

Está em Marrocos, Jacques Severac, com sua companhia, filmando "Razzia". Os artistas são: José Davert, Jean Viguier e Atouna.

卐

"David Golder" continua sendo feito com bastante actividade por Julien Duvivier. Ha pouco foi filmada uma scena passada da em um automovel numa velocidade de 100 kilometros a hora Na direcção estava a artista Jacie Monnier.

卐

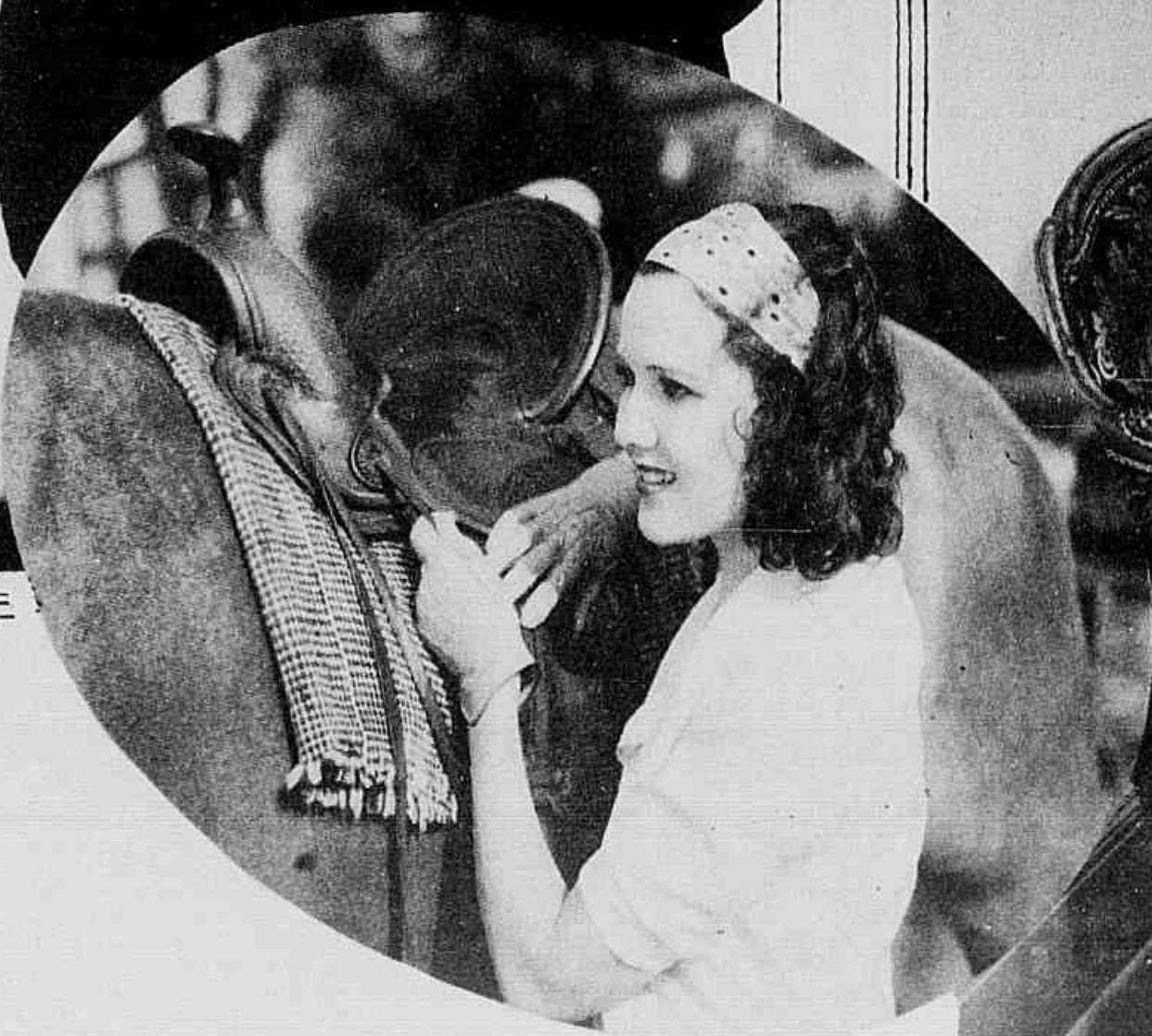
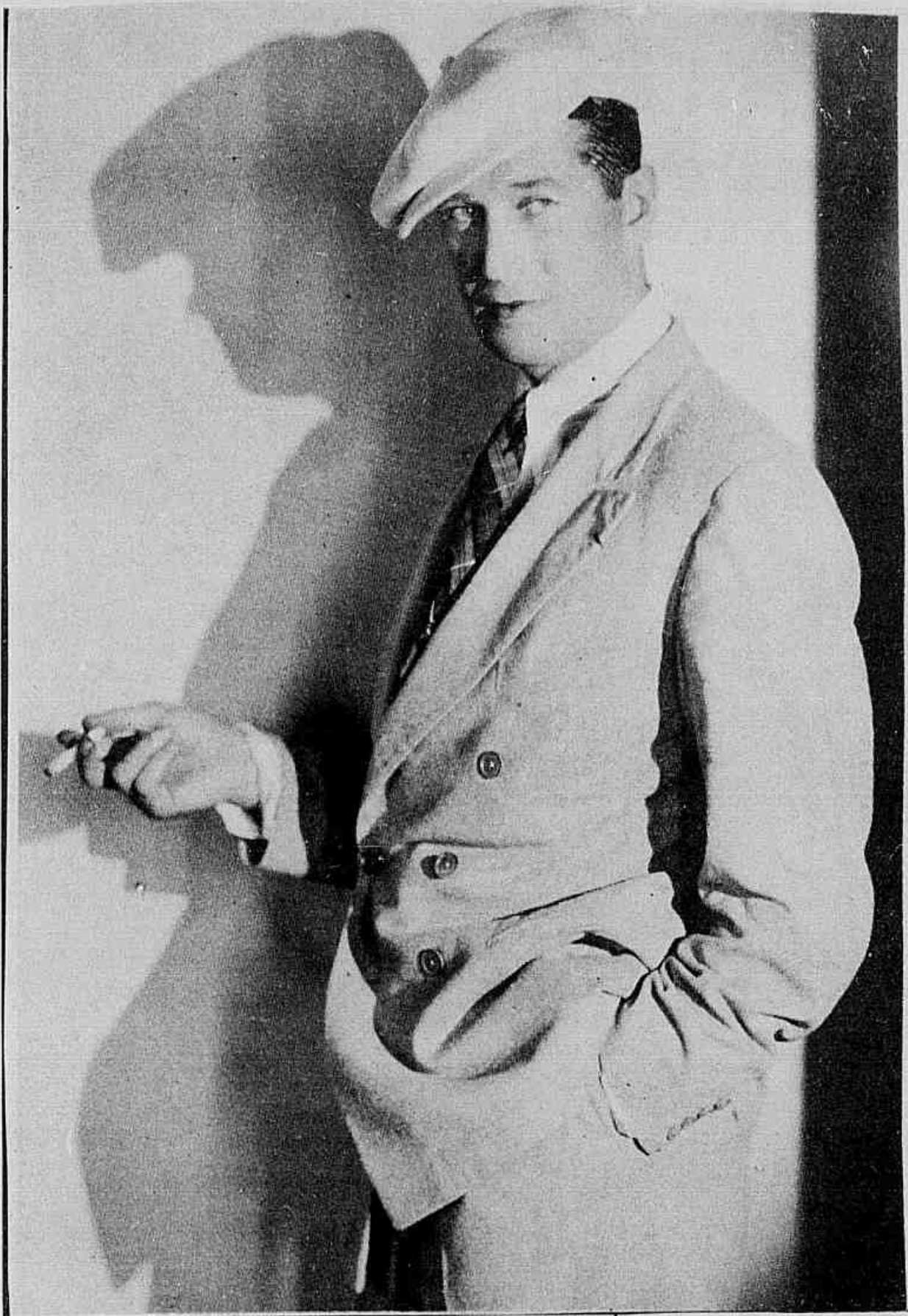
Ivan Petrovitch já ses encontra em Hollywood, trabalhando para a Universal na versão falada, franceza de "Amour sur commande", sob direcção de De Sano. Arlette Marchal, Taria Fedor, André Nicolle e Marcel de Garcyn, são seus companheiros no elenco.

卐

Jean Angelo, Gabriel Gabrio e Maxudian, já foram escolhidos para o elenco de "L'Homme qui assassina" que Jean Tarride vae dirigir para Les Films Braunberger.

Sim, ella outra vez

Mary Brian vive a tirar photographias, não é?

Chevalier de Hollywood...

CHEVALIER ESTA' AMERICANIZADO?

Uma das primordiaes superstições de Hollywood, é que Chevalier se americanizou. Em torno deste mytho, infinitas têm sido as conversas e as opiniões. Um dos motivos principaes, no emtanto, foi o papel de genuino "yankee" que elle interpretou na segunda phase do seu film "Um Romance de Veneza" (The Big Pond). Tão convincente foi a sua transformação e a sua integração nos methodos peculiares aos cidadãos yankees, que, francamente, tivemos a impressão de nos acharmos justamente defronte a um delles, ainda que falando com carregado sotaque francez...

Outro motivo, ainda, é que as pessoas que não o viram chegar e não o observaram bem, nos seus primeiros dias de Hollywood, crêm, hoje, que elle se tenha modificado, porque, diga-se, Chevalier, afinal de contas, tem tão pouco dos usuaes cavalheiros francezes que costumamos conhecer...

O seu bonet, por exemplo. Perfeitamente pratico, perfeitamente yankee, é a affirmação segura de que elle não liga, positivamente, ao conhecido chapéo-chaminé tão peculiar ao gosto dos francezes... Seu rosto bem barbeado, por sua vez, é a antithese ao classico bigode ou á classica barba que, na industria, são a definição immediata do francez...

A sua personalidade, no emtanto, continua sendo a cousa que mais absorve as attenções dos que circumdam ao seu redor. Que differença! Quem o vê, não espera encontrar, afinal sinão um typo de francez gesticulador, exaggerado e inspirado como todos, cheio de gestos largos e curvos, conforme a situação ou, mesmo, uma figura romantica, pallida; cheia de sonetos á primeira provocação... Não! Chevalier, pelo seu todo e no seu todo, é; mesmo, o typo acabado do homem pratico yankee: o homem de negocios.

A chave do enigma, no emtanto, é a mais facil de se encontrar e de se comprehender. Chevalier é um grande artista. Seus papeis e sua personalidade, principalmente, soffrem influencia directa da sua arte de representar. Não se concebe, realmente, que uma personalidade seja estudada. Ella tem que ser expontanea, como sóe ser. A de Chevalier, no emtanto, é estudada. Uma cousa que se repara logo, assim que se começar uma conversa com elle, é a ausencia absoluta da chamma de enthusiasmo que elle tem e gasta tão prodigamente nos seus films. E' mudo e concentrado, de preferencia.

Muitos dos seus amigos e dos mais intimos, tambem, dizem, convictos e certos, que Chevalier confessa, elle proprio, que gosta de guardar todo seu enthusiasmo e ardor para uso profissional: no palco, na téla ou quando não póde fugir de ser mestre de cerimonias. Seja qual fôr a quantidade de trabalho, diga-se, elle é o mesmo Maurice Chevalier: enthusiasmado, alegre, expontaneo e cheio de uma verve admiravel.

Sua personalidade domestica, no emtanto, tambem é admiravel e digna da observação mais delicada. De preferencia calado, attencioso, paciente, pouco enthusiasmado, embora, Maurice é a contradicção viva de tudo quanto já se disse delle proprio. Elle parece, bem comparando, o lado avesso de um producto brilhante e lustroso.

Quando elle diz "eu sou muito feliz", nem elle parece feliz e nem apparenta felicidade, ao menos. Parece, no seu modo de falar e na sua physionomia, justamente o contrario: desapontado e desanimado. Mas diz com singeleza e com uma brandura que é admiravel.

Chevalier nega a affirmação de que elle se americanizou em Hollywood.

— Eu já era americanizado, muito antes de vir á America, meu amigo! O francez moderno, de nossos dias, aliás, é bem diverso dos de outros tempos. Elle é geralmente americanizado. Tem rosto barbeado e mescla o humor francez ao "yankee".

E, neste particular, meu amigo, ha uma serie enorme de differenças. O humor francez, se me permitte a liberdade da imagem, é um sorriso com uma gargalhada escondida... Entende?...

Depois de dizer isso, Chevalier fez uma pausa e colleccionou idéas para uma nova investida de phrases.

— O humorismo francez é do pensamento, da imaginação. O humorismo "yankee" é palpavel, é claro. Antigamente, com certeza, o francez velho-typo não comprehendia o humorismo americano. Era algo incomprehensivel para elle. Hoje, no emtanto, nós, francezes, comprehendemos perfeitamente...

Homem de theatro, comediante, dansarino, ás vezes, eu acabei comprehendendo o humorismo *yankee*, mesmo. Comprehendi o espirito americano.

Agora, felizmente, o meu inglez já se vae aperfeiçoando e eu já sei pronunciar com muito mais emoção e comprehensão do que estou dizendo. Antigamente, isto é, no principio, eu falava inglez com inflexão de pronuncia franceza. Agora, já consigo falar *yankee* para os *yankees*, realmente. Ainda conservo o accento afrancezado e, apesar de tudo, é o proprio Studio que me ordena que não o perca nem por um decreto... No emtanto, se me offerecessem um contracto de milhões para eu perder esse mesmo accento, eu não o conseguiria, porque, afinal de contas, não ha remedio para isso...

Perguntámos-lhe alguma cousa sobre certas noticias que nos deram de que elle costumava empregar, nas suas conversas, muita gyria. Elle nos respondeu sorrindo:

— Não com as cavalheiras, é logico! Mas eu confesso que me divirto com o *slang yankee!* E' pittoresco, realmente, e eu gasto tudo que sei com os homens que trabalham commigo, no meu "set". Falo em gyria e naquella da mais pesada. Comprehende? Daquella que não é lá muito distincta... Em materia de blasphemias, então, tenho curso completo... Imagine que um dos electricistas, campeão de blasphemias do "set", desafiou-me. Entrei em luta com elle e, depois de meia hora, já estava o seu repertorio esgotado e o meu apenas no principio... No emtanto, creia, não aprendi isto aqui na America, não. O primeiro inglez que aprendi foi na guerra, com os soldados *yankees* e com os *tommies*, igualmente. Foram elles que me ensinaram a blasphemar... Antes de aprender a dizer *bom dia, como está passando?* eu aprendi terriveis palavrões... Depois vim para a America. Algumas vezes, isto é habito no mundo inteiro, os homens quando estão sózinhos gostam de falar palavras pouco faladas em publico, não é assim? E foi por isso que puz muito bom "yankee" de bocca aberta com o meu repertorio, inclusivè anecdotas...

Eu jamais serei um homem de negocios americano. Isso é asneira e eu não quero cahir nesse ridiculo. Vivendo na America, no emtanto, aprendi muita cousa que desconhecia, confesso. Os homens que têm dinheiro, deviam gastal-o passando periodos de sua vida, regularmente, em partes de territorios estranhos, pelo mundo afóra, conhecendo povos e costumes. E' gente completamente diversa da nossa, que diariamente observamos e vemos. E isto, sem duvida, fará com que conheçamos muita cousa nova.

Chevalier, no emtanto, na nossa opinião não mudou muito, realmente. Elle ainda vive falando em Mary Pickford e em Douglas Fairbanks e ainda os continua achando os melhores entre os melhores... Para attingir a sua presente posição, na industria e na arte, Chevalier sustentou as lutas mais arduas que se possam imaginar. Em tempos de amargura no emtanto, o seu senso de humorismo de pouco lhe valeu...

— Sinto que sou um sujeito engraçado. Continuou elle.

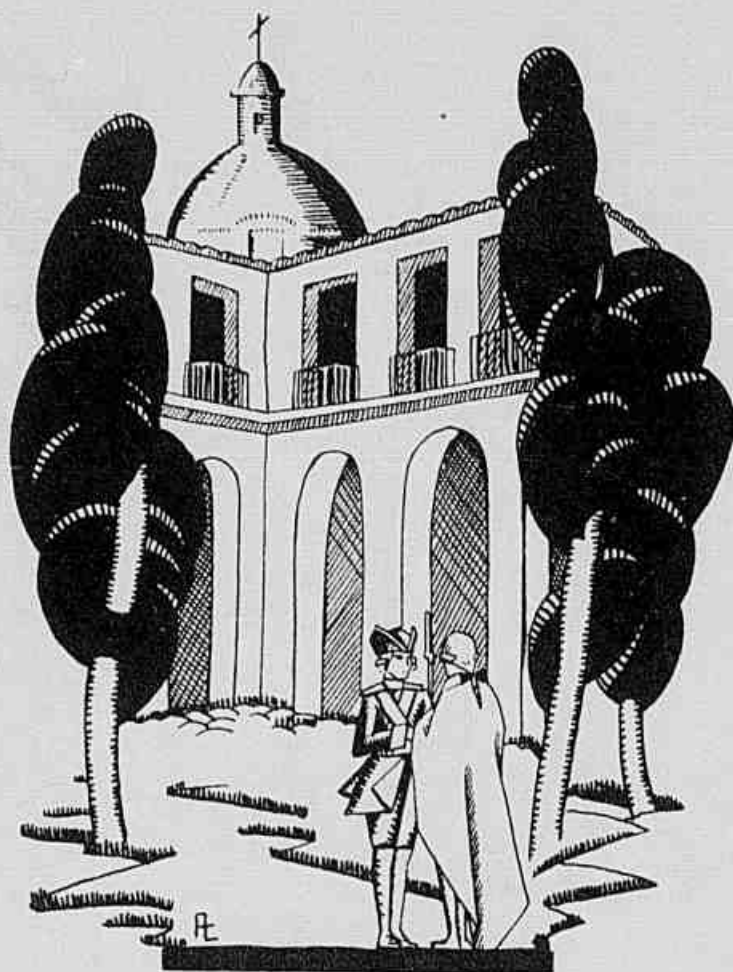
— Gosto, tambem, de ser extremamente franco. Jamais consegui, ainda que quizesse, estar dizendo cousa que não fosse o que eu sentisse. Acho e considero o publico americano formidavel. Elle me fez e me faz muito feliz. E' um povo cruel, diga-se, mas sincero. Se gosta, realmente, mas se não aprecia, mostra violentamente a sua repulsa.

Uma das cousas que mais impressionaram Chevalier e que todos seus annos de theatro, não con-

(*Termina no fim do numero*)

Cinema de Amadores

(*de Sergio Barreto Filho*)

Como é facil Escrever um Scenario (Um exemplo para os nossos leitores.)

THEMA

"*A LIGA DA DUQUEZA*"

A senhora duqueza, uma belleza antiga,
De bastão de Limoges e cabello empoado,
Certo dia, ao descer do seu estofim doirado,
Sentiu desapertar-se o fecho de uma liga.

Corou, quiz apertal-a, ao que o pudor obriga,
Voltou-se, olhou, tinha o capellão ao lado.
Um passo mais, e foi-se o laço desatado,
E rebentou na côrte um atremenda intriga

Fizeram-se prégãos. Marquezes, condes, tudo
Procurava-se, arrastando os calções de velludo,
Por baixo dos sofás, de joelhos pelo chão.

E quando já ninguem julgava, oh que surpreza,
Foi-se encontrar por fim a liga da duqueza
No livro de orações do padre capellão.

(*Versos de Julio Dantas*)

INSTRUCÇÕES PRELIMINARES

Ambiente — O ambiente deve apresentar o aspecto de um salão nobre e aristocratico, portuguez ou brasileiro, do inicio do seculo passado. E' indispensavel que esse salão mostre o luxo e a requintada elegancia de uma côrte ducal. A filmagem do salão necessitará de reflectores electricos, em numero de tres, no minimo. Um trio composto de cravo, violino e violoncello constituirá a musica necessaria ao ambiente. Em ultimo caso, o salão poderá ser substituido por um jardim á moda da epoca, com tanque, repuxo e estatuetas gregas. Nesse modo, os reflectores poderão ser suprimidos, porém, a filmagem deve ser feita em luz bastante fraca, para dar a impressão de uma festa á noite, e a pellicula necessita de ser virada em azul cobalto o verde-mar. Quadros antigos, tapeçarias e cortinas antigas, grupos estofados á Luiz XV, bancos adamascados, e candelabros mostrando a illuminação a vélas, o que facilitará a filmagem.

Props — Os props, como ficou dito mais acima, constarão primeiro do mobiliario, segundo dos estofos e tapeçarias, terceiro, quadros a oleo, estatuetas gregas e tapeçarias adamascadas, que devem seguir o modelo Luiz XV. Os candelabros de bronze, imitação de prata ou ouro serão preferiveis quando derem a idéa desses metaes raros. Os props deverão transformar o ambiente, dando-lhe o aspecto de um salão conforme já foi explicado. Para o trio musical, bastará qualquer piano de meia cauda retocado em esmalte marfim, e disposto em angulo conveniente. O violino e o violoncello não soffrerão alterações. Flores, taças para chocolate, e demais props necessarios ao ambiente de um salão aristocratico antigo.

Indumentaria — Para as moças, vestidos decotados e saias balão da epoca referente á ultima monarchia de França, anteriores á Revolução. Collares e brincos de diamantes, muitas rendas e cabelleiras empoadas. Para os rapazes, meias de seda e sapatos de verniz, saltos altos, calções de velludo, camisas de bofes de renda, punhos de renda, e casacas de seda adamascada. Chapéus de tres bicos e bastões de Limoges. Condecorações e symbolos aristocraticos dependurados em fitas de seda, ao redor do pescoço. Floretes a tiracolo. O padre capellão deve apresentar os calções e a casaca inteiramente negros.

Distribuição — Os tyos principaes serão uma duqueza, um senhor barão que assedia a duqueza e o padre capellão. Os mais, representando a côrte da duqueza, acham-se presentes á reunião que a senhora duqueza costuma realizar nos seus salões. Dansa-se o minueto e executa-se uma sonata de Beethoven. Os convidados da duqueza, todos da alta aristocracia, conversam em voz baixa e parecem tocar nos assumptos mais em voga corrente, nos saraus da duqueza. Dispostos em grupos de quatro ou cinco, os extras que fazem os convidados demonstram fineza requintada nos gestos.

CONTINUIDADE

1 — *Titulo* — "A liga da duqueza". Comedia de costumes, baseada no soneto de Julio Dantas.

2 — *Long shot* — Os convidados ao sarau da duqueza dansam o minueto. Vê-se ao longe o trio musical que executa a peça dansada pelos aristocratas da côrte ducal. Abre-se um caminho para a passagem da camara. Esta vae assim, aos poucos, approximando-se do local onde a amphitriã, a senhora duqueza, conversa com o senhor barão. A scena passa portanto a um

3 — *Shortshot* — A duqueza, sentada n'um banco estofado, conversa, sorridente com o senhor barão, que se acha de pé, ao seu lado. A duqueza diz uma coisa ao barão, expressada pelo seguinte

4 — *Titulo* — "A mim se me afigura, senhor barão, que Vossa Senhoria toma demasiado interesse pelas minhas modestas reuniões."

5 — *Close up* — O barão sorri maliciosamente, mas com aquella finura propria dos aristocratas conquistadores, e, voltando a cabeça, fita um certo ponto da sala.

6 — *Close up* — O capellão da duqueza conversa com uma senhora condessa. A camara apanha a cabeça de ambos.

7 — *Close up* — O barão torna a sorrir, a voltando novamente o rosto para a duqueza, retruca, com um gesto de censura.

8 — *Titulo* — "Creio antes, senhora duqueza, que estou aqui para guardar o senhor capellão do fruto prohibido creado por Deus nos olhares encantadores de Vossa Senhoria."

9 — *Medium shot* — A duqueza acha graça no atrevimento do barão, mas censura-o com o indicador.

10 — *Long shot* — O trio musical inicia um novo minueto.

11 — *Medium shot* — Como no numero 8. O barão, ouvindo o inicio do minueto, convida a duqueza para dansal-o. A duqueza levanta-se para acompanhar o senhor barão.

12 — *Short shot* — O capellão despede-se da condessa, faz-lhe uma mesura, e afasta-se, dirigindo-se para o ponto do salão onde se acham a duqueza e o barão.

13 — *Long shot* — A duqueza, acompanhada do barão, dirige-se para o centro do salão, mas subito pára.

14 — *Close up* — A duqueza pára e mostra uma expressão de susto e pudor offendido. Cora e fica como que immovel, sem saber o que fazer.

15 — *Close up* — O barão acode, e entrando no mesmo *close up*, pergunta, espantado, qualquer coisa, como quem indaga si ella se sente mal.

16 — *Short shot* — A senhora duqueza sente que a liga se desaperta. Faz menção de apertal-a e para isso abaixa-se suavemente. Mas, nesse momento, sentindo que ha mais alguem ao seu lado, volta-se e olha.

17 — *Short shot* — E' o capellão que, sorridente, se acha ao seu lado, e parece ter adivinhado o gesto da duqueza.

18 — *Medium shot* — A duqueza, o barão e o capellão formam o grupo ao mesmo canto do salão. A duqueza continua olhando sériamente para o capellão. Subito, dá um passo á frente para afastar-se do grupo

19 — *Close up* — A camara, rente ao pavimento do salão, focaliza o primeiro passo da duqueza. Nesse momento, uma liga, de dentro das saias balão, vem cahir nos calcanhares da senhora duqueza, que pára incontinenti.

20 — *Close up* — A face da duqueza olhando firme e de frente para a camara. Uma expressão typica de desgosto por um desastre inesperado.

21 — *Medium shot* — A duqueza volta-se para o barão e para o capellão, mas torna a fitar um ponto do salão e afasta-se, sahindo de scena.

22 — *Medium shot* — Um grupo de senhoras aristocratas fita o ponto onde se achava a duqueza. Entrando então em scena, esta dirige-se para uma das senhoras, e muito aborrecida por ter perdido a sua liga, conta-lhe o facto.

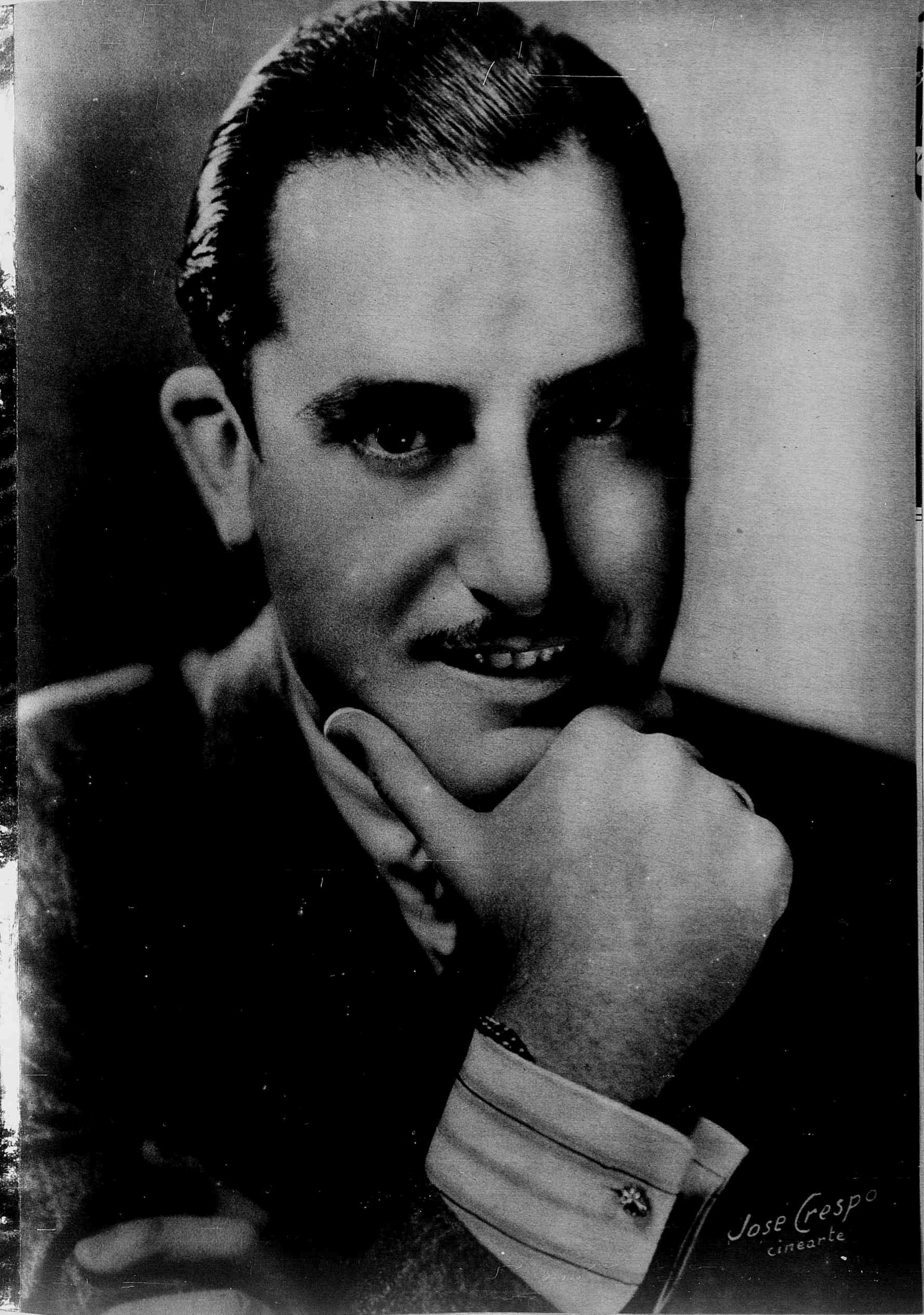
23 — *Close up* — A duqueza contando o facto á sua amiga.

24 — *Titulo* — "Calcule a senhora marqueza que acabo de perder a minha liga, ao tentar dansar o minueto com o senhor barão..."

25 — *Close up* — Como no numero 22, a duqueza acabando de contar o facto da liga. A sua amiga retruca, porém, com ares graves de espanto.

26 — *Titulo* — "Mas é preciso procural-a, senhora duqueza!"

27 — *Medium shot* — Como no numero 21 A

(Termina no fim do numero)

José Crespo
cinearte

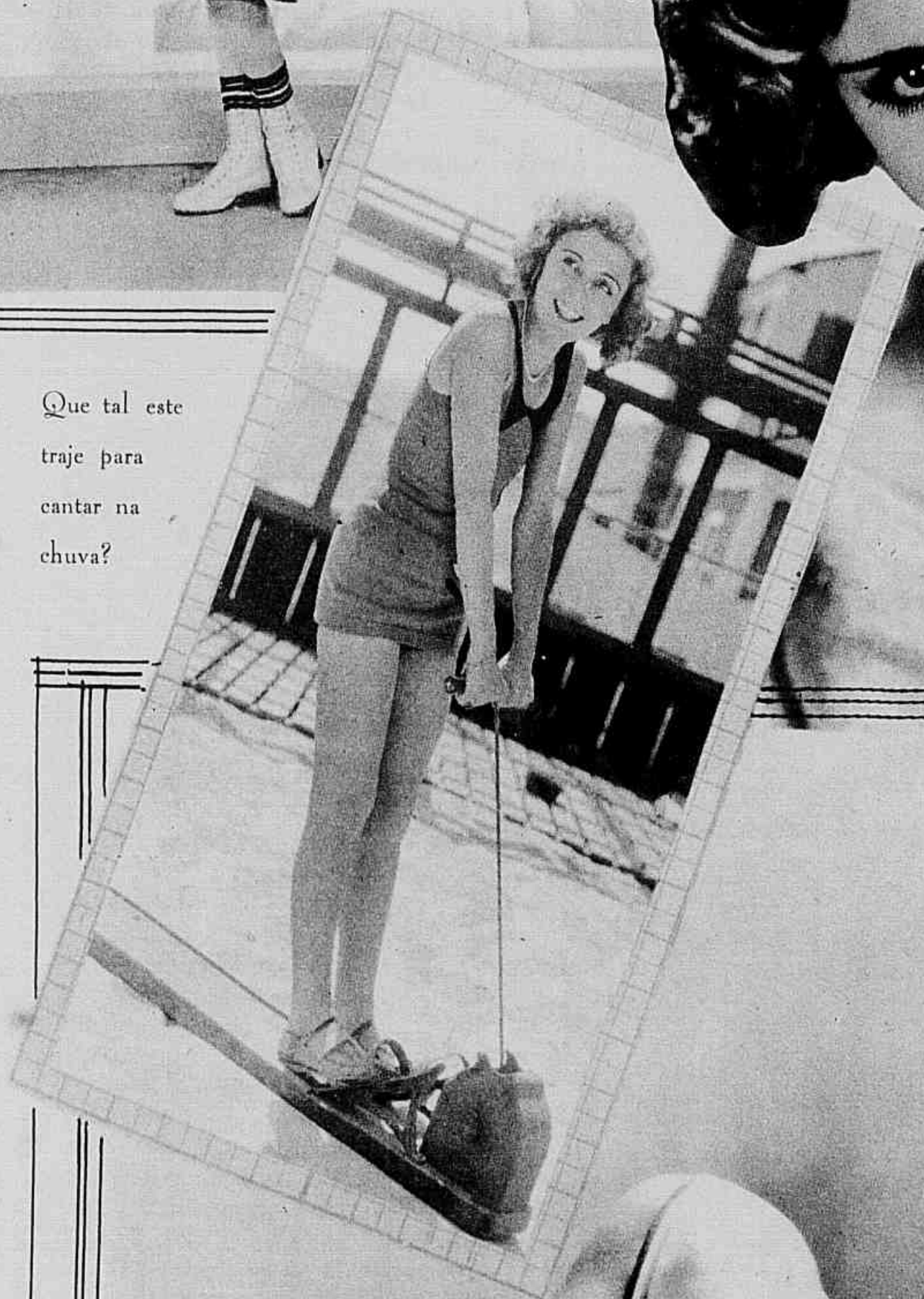
KAY JOHNSON
CINEARTE

Clara Bow
cinearte

Estrella de Photographias...

Mary Doran

Que tal este traje para cantar na chuva?

As vinganças de

SIM, LINDA, ADORAVEL! MAS COMO E' VINGATIVA!

Alguem nos informou de que Jeanette Mac Donald era uma creatura sem defeitos. Ella, no emtanto, insistiu em contar-nos todos... Ou antes, confessou-nos todos os defeitos que já teve e, em segredo, disse-nos que hoje é o typo da pequena bem comportada...

De accordo com o quanto ella nos disse, apenas sobreviveu um detalhe de tudo que se passou. Resentimentos. Agora, entretanto, nunca vi creatura tão animada a seguir outro rumo de vida, francamente!

Certos detalhes do seu passado, no emtanto, põem ao vivo o que é este seu sentimento de resentimento. Sentimento, este, que é, na sua vingança, mais importante para ella do que para o escriptor a publicação da sua novella ou para o mineiro a descoberta de mais um veio.

— A opportunidade vem sempre, é o que lhe digo. Espera-se, ás vezes, longos e longos mezes, mas vem, afinal! Não me importo com muitas das cousas que me têm feito certas pessoas. Não me importo, realmente, porque tenho a intima certeza de que ainda nos havemos de encontrar, frente a frente, levando eu todas as vantagens. Depois disso, no emtanto, sinto-me perfeitamente feliz. Não me aborreço duas vezes com um só motivo...

Dialogos em francez estavam dispersos sobre sua mesa e isto, sem duvida, indicava que ella se preparava para entrar por alguma versão estrangeira, igualmente... Fóra da tela, diga-se, Jeanette é duas vezes mais linda do que na tela. Ella se parece muito com Champagne... Sua personalidade é effervescente, deliciosa e ainda nisso ella se parece com Champagne...

Extremamente franca e desembaraçada, usa ella das palavras mais sinceras que tem, vindas do proprio coração, quando algum assumpto importante lhe occorre. Continuou ella as suas divagações que annotavamos com carinho extremo.

— Fui criança muito malcreada. Sempre fiz tudo que era errado e tudo que era prohibido. Lições recebi, no emtanto, que foram paulatinamente corrigindo todos esses defeitos. O modo pelo qual me comporto, hoje, é credito alheio, porque, afinal de contas, aprendi á força de muito ensino. Sou uma profunda crente da lei da retribuição.

Não ouso commetter nada que tenha symptoma de maldade, porque, antes de mais nada, temo a represalia da sorte. Temo que me aconteçam as cousas, exactamente como as pensei acontecendo a qualquer desaffecto meu... E' a unica cousa que contem, no emtanto.

Nos meus tempos de escola, lembro-me bem disso, sempre fui a mais perigosa das mentirosas. Era sempre apanhada, nas que pregava e, depois, castigada. Acabei aprendendo o bom caminho, mesmo. Costumava roubar giz, tambem. Sempre que podia, lembro-me bem disso, costumava encaminhar alguns delles para o meu bolso e cobria-os com meu lenço. Quando um dia a professora me chamou, já sabia do que se tratava... Mas não foi. Foi peor ainda... Disse-me ella, olhando-me com muita attenção: *Menina, você tem estado muito ajuizada e bôazinha. Eu quero dar-lhe um presente e este, creio, é o seu preferido, não é?* E estendeu-me uma caixa cheia de giz... Foi o peor dos castigos que ella me podia dar.

Quando fiz parte de uma companhia de comedias musicadas baratas, na Broadway, e, muito antes do primeiro espectaculo ser levado a effeito, falliu a companhia, resolvi roubar os sapatos de dansarina que me couberam para o papel e roubei-os. A primeira vez que os usei, depois disso, desloquei o tornozello...

Desde que me acho no Cinema, tenho recebido cartas de muitos dos meus antigos professores. Aprecio este procedimento, porque, afinal de contas, já lá vae muito tempo e eu, além disso, tratei-os a todos, tenho consciencia disso, o peor possivel. Quando era menina, lembro-me, arrotava com uma pericia

incrivel. Costumava, no collegio, abrir um livro sobre a carteira e, atraz delle escondendo minha cabeça, punha em pratica o meu maravilhoso conhecimento nessa grosseria e fazia-o no mais alto diapasão possivel. A professora, era logico, não descobria quem era e isso a tornava fula de raiva. Uma das cartas que recebi, foi della, justamente. Agora, no emtanto, é explicar por que sou uma pequena ajuizada e estimada por todos que me circumdam...

Para saberem, melhor, o quanto costuma guardar ella o que lhe fazem, aqui vão alguns casos.

Quando tinha apenas oito annos, um rapazote, seu collega de collegio, prometteu leval-a a uma festa. Não foi e a fez ficar esperando, toda vestida e preparada. No dia seguinte, durante o recreio, perguntou-lhe, ella, porque o fizera.

— Ora, vá plantar batatas!

Respondeu-lhe o garoto, atrevido. Passaram-se annos.

Ha pouco tempo, indo ella á sua Cidade natal, já mundialmente conhecida, recebeu ella uma telephonada. Era do mesmo menino que, hoje, era um dos moços mais em evidencia em Philadelphia e que a queria cumprimentar pelos seus successos e queria vel-a, se possivel.

— Ah, é você, não é?...

— Sou, Jeanette. Lembra-se?... Aquelle que não

Jeanette

levou você á festa... — Sim, meu amigo, não me esqueci... Olhe! Quer saber de uma cousa ... Vá plantar batatas!!!

E ao desligar violentamente o telephone, tinha um sorriso de ampla satisfação illuminando seu rosto lindissimo...

Quando ella fazia parte do côro de "The Night Boat", mais moça moça e menos experiente do que todas as outras pequenas, chegou ella, com a companhia, a New York. Antes de chegarem ao Grand Central, foi ella enviada para a rua 125. Não sabendo como ir, dali, achegou-se a uma das companheiras e perguntou-lhe, afflicta, se sabia indicar-lhe o caminho para a sua residencia.

— Poderia, querida, se fosse a pé, como você... Eu vou de taxi, sabe?...

Annos depois, quando Jeanette era figura de grande evidencia nos palcos de New York, apresentaram-lhe a mesma creatura que lhe fizera a offensa.

— Lembro-me de si, sim!

E mostrou-se muito interessada no facto de ainda se lembrar della. Jeanette, friamente, respondeu-lhe.

— Pois eu, confesso, não me lembro de si!

Levantou-se e sahiu. A' porta parou e gritou-lhe:

— Tome um taxi, senhorita...

Sentiu-se feliz, infinitamente feliz, naquelle instante...

— Humilhando aquelle que me humilhara, sentiu eu um prazer intenso, inenarravel!

Ha muita gente em Hollywood, por exemplo, que está na listinha della e que espera o dia depois do outro para achatar...

Foram, alguns, bem rudes commigo, quando aqui cheguei, meu amigo...

Sua voz, ao dizer isso, não era tanto rancorosa assim. Era, antes, triste e aborrecida.

Pensei, sinceramente, que assim que chegasse seria tida como uma das daqui, mesmo. Tinha já um importante papel contractado e esperava uma recepção ao menos sympathica. No Studio, no emtanto, ninguem me ligou a menor importancia, teve commigo a menor gentileza. Não sei porque tamanha indelicadeza, tamanha crueldade, mesmo.

Nenhum delles me procurou para conversar commigo. Costumava encarar todos, bem de frente, para ver se algum delles me sorria ou cumprimentava. Mera illusão... George Bancroft foi a unica creatura que falou commigo. Encontrou-a commigo, abraçou-me, apertou-me a mão e disse-me que desejava-me toda sorte de venturas imaginaveis. Mary Brian sorria para mim. Sorria, apenas e... nada mais! Eram os dois unicos que se dignaram apenas mostrar que sabiam que existia ali... Depois disso, no emtanto, em Hollywood, mesmo, eu tenho encontrado muitos bons amigos e que me estimam, mesmo. Meus sentimentos, no emtanto, já estão formados e cicatrizados. Eu jamais esperarei mais nada de artistas de Hollywood. Ha, contra artista de palco, aqui, uma grande aversão, quasi systematica, mesmo. Gente que nunca me viu e nunca falou commigo, chegou a atacar-me pela imprensa. Não ligo, francamente, porque sei que a opportunidade chegará, mais dia, menos dia e, assim, eu tambem mandarei alguns daqui plantar batatas ou tomar taxi...

Sorria, quando disse isto e já antegosava, parece, o prazer de ver essa gente curvando a espinha diante della.

A publicidade, no emtanto exaggera bastante a fama que Jeanette gosa de temperamental.

— Não sei porque é que começaram com esses rumores. Sou exigente apenas com meus vestidos e, creio, toda artista o é. Não tenho discussões ou trabalhos por causa delles, no emtanto. O guarda roupa da Paramount é absolutamente completo! Tambem cuido com immenso carinho do meu cabello, porque, francamente, não acha que é a cousa que mais deprime uma mulher um penteado mal cuidado?...

Isto, no emtanto, não é ser temperamental, creio...

— Se eu chegar a ter um rompante de genio, no emtanto, acabarei é enxergando o meu promrio ridiculo, na certa.

Jeanette, assim, revela-se uma creatura que poucos conheciam: ciam: geniosa, vingativa e até cruel, em certos pontos. Mas não terá ella razão?... Não será certo o seu ponto de vista?... Têm lucrado, as outras, sendo demasiadamente altruistas, demasiadamente gentis e humildes?...

Quem póde, póde, não é, Jeanette ...

Grock, o famoso palhaço que já esteve entre nós, vae tomar parte num film falado e sonoro. Max Susmann, seu amigo intimo, será administrador da companhia, sendo as scenas tomadas num Studio berlinense e na villa que Grock possue em San-Remo. Este film terá tres versões: allemã, franceza e ingleza.

\+ + +

Randall, o celebre rival de Chevalier, toma parte no film francez, falado, cantado e sonoro "Je t'adore... mais pourquoi".

\+ + +

Mona Goya que trabalha ao lado de Saint-Granier em "Chéerie", é mexicana.

\+ + +

Em "Vacances du diable", veremos pela primeira vez Marcelle Chantal em pyjama. Robert Hommet que se salientou em "La Servante", é o seu galã neste film.

Pergunte-me OUTRA

FAY WRAY, UMA NOIVA DE 1895...

NILS NORTON (Porto Alegre) — Suas palavras de conforto são sinceras e sympathicas. Nada soffreu. Mande as photos quando quizer. O endereço que leu é da redacção e os escriptorios, agora, estão á rua da Quitanda, 7. Não sei, francamente, se os tres outros numeros irão. Se você se interessa por elles, escreva á gerencia. Mande o que quizer. Recebi a photo, grato.

LUIZ (Rio) — Gonzaga entregou-me sua carta. Perguntas, amigo Luiz, ao Operador. Mande photographias e endereço para "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, S. Christovam, nesta. E' o primeiro passo que tem a dar. O resto, virá depois. Aqui os endereços que pede: — John Gilbert, Ramon Novarro e Greta Garbo (com esta você perde o seu tempo, completamente), M G M Studios, Culver City, California.

JOÃO F. DA S. (P. Quatro) — Gonzaga entregou-me sua carta para responder. Agora já comprehendi o mysterio da Greta Garbo de P. Quatro... Elle vae fazer o possivel para satisfazer a sua vontade. Mas qual é o seu endereço? Continue enthusiasmado e cheio de fé, porque ainda muita cousa está reservada para o futuro proximo.

ARCY (Pelotas) — Lupe Velez, Universal, Studios, Universal City, California. Greta Garbo (com a qual você perde o tempo, porque ella não responde, mesmo). M G M Studios, Culver City, California. Escreva em inglez. Ou em hespanhol, para Lupe e suéco para Greta Garbo.

H. MOURA (P. do Sul) Continue enthusiasmado, amigo Cavalleiro das Sombras. Cabo Honorio, Macuco do Embornal, Honorio Moreno...

MARCUS ALBERTO (Recife) — Então você falou com Tamarzinha, hein?... O que ella disse é a verdade. A condição principal, é estar aqui. Depois, é facil conseguir papeis nos films em confecção.

MARQUES DE SAINT ROMAN (S. Paulo) — As suas impressões sobre Cinema do Brasil são muito erradas e não estão em accordo com as outras que faz, mais adiante. Technicos e artistas estrangeiros, aqui, não fariam cousa alguma, absolutamente. Você não desanime, não, que agora é que vae começar. As suas considerações seguintes, são as minhas, tambem. Mas o que? As indoles aristocraticas não podem representar?... Ora essa!

REDY SERTANEJO (Jequié) — Aliás sempre fizemos tudo em pról do Cinema do Brasil. Nada tem que agradecer. "Labios sem Beijos" irá breve, com certeza. A Paramount é que o distribue. Até logo, Redy.

CINEARTEIRO (Porto Alegre) — Raquel Torres é mexicana. James Murray, June Collyer, Lewis Stone e Eugenia Gilbert, americanos. As idades exactas são quasi impossiveis de se saber, particularmente as das mulheres... Mas pergunte outras e quando quizer, sim.

ROSA MARIA (Recife) — Recebi, sim. Zangado? Porque? Absolutamente. Gosto de todas e porque não gostaria de você, uma artistazinha do Cinema do Brasil em Recife? Não mandaram dizer nada, não... E continue sempre tomando parte e ajudando que será um dia bem succedida, verá. Quando outros films se exibirem, não se incommode que elles mudarã de opinião. Paulo Morano vae bem e Lelita tambem, obrigado... Escreva-lhes para "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio. Volte logo, Rosa Maria.

LILLIAN ROTH, A NOIVA DA EDADE MEDIA...

B. HONORATO (Pinheiro) — Eu soube da sua visita, sim e por signal que cheguei á redacção minutos depois de se ter retirado. Ali todos ajudam e fazem força e isto é que é ideal, não acha? Elle não se podia interessar pela luta, mesmo porque ninguem lhe disse o que devia fazer naquella hora. Póde ser que seja verdade, mas nem por isso é cousa que o recommende... Gonzaga agradece a sua attenção. Recommenderei... a todos e espero a sua proxima, Honorato.

LEWISKING (Rio) — 1.° Bernice Claire, First National Studios, Burbank, California. 2.° Está ahi uma cousa difficil de responder... 3.° Prefiro jurar suspeição. 4.° Pode, mas procure lá mesmo o gerente.

NURIPÊ BITTENCOURT (Rio) — Gonzaga entregou-me sua carta. Gostei de suas opiniões. Quanto á festa do Atheneu, infelizmente não foi possivel comparecer, porque outros motivos impediram.

CISCO KID (Ribeirão Preto) — 1.° Anita Page, M G M Studios, Culver City, California. 2.° Mary Brian, Richard Arlen e Gary Cooper, Paramount Publix Studios, Hollywood, California. 3.° Warner Baxter, Fox Studios, 1401, Western Avenue, Hollywood, California.

JOÃO NINGUEM (Rio) — Sua carta é esplendida e revela observações valiosas. As opiniões combinam com as minhas. Continue sempre assim enthusiasmado e interessado pelo Cinema do Brasil que ainda terá novas surpresas e emoções. Paulo Morano e Didi Viana, "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio.

SUE ROLLINS (Recife) — Não se publicou ainda, Sue, porque não ha cousa recente e bôa. Mas assim que chegar, descance, terá o que pede com tanto ardor. Mas porque gosta tanto assim delle?... "The Big Trail" é um dos ultimos films em que figurou, com successo, em papel de terceira importancia. Eu já tenho esses recortes aos quaes se refere, mas quando houver outras cousas interessantes, mande-me, sim?

GRETA GARBO (P. Quatro) — Como está, meu caro João Fernandes da Silva? Bem? Caramba! Você tem mais papeis de carta do que o Lon Chaney caracterizações... Sua opinião é isso mesmo. A comparação é que é bôa... Então você não quer que diga nada ao Lyrio que você esteve em S. Paulo, não é?... Gretinha Garbo levadinha da bréca...

A. J. DE CARVALHO (Iguape) — 1.° Dorothy Mackaill, Warner Bros. Studios, 5842, Sunset Blvd., Hollywood, California. 2.° June Collyer, Mary Brian, Rosita Moreno e Jean Arthur, Paramount Publix Studios, Hollywood, California. Só respondo perguntas de cinco em cinco, amigo Carvalho. Volte outra vez!

JEAN ARTHUR, OUTRA NOIVA ANTIGA...

Hedda
Hopper...
Mãezinha das
garotas modernas
do Cinema...

Sua mãezinha era franceza, de descendencia hespanhola. Morreu, quando Raquelzinha tinha apenas um anno e onze mezes. Nem na sua memoria poude ficar...

Seu pae, um engenheiro allemão, que se casara com sua mãe em Hermosillo, Sonora, Mexico, costumava falar-lhe sempre, mesmo antes de morrer, na delicadeza, na formosura e no caracter daquella que a deixara tão pequenina no mundo e fôra-se para o além.

Foi no seu pequeno "bungalow" na praia de Malibu que Raquel nos falou disso tudo, couzinhas pequeninas do seu passado que chegaram a trazer lagrimas aos seus olhos grandes, negros e tão bonitos!...

Nesse tempo, Raquel era Billy Von Ostermann. Só o seu nome já era um obstaculo para a sua carreira no Cinema. Quando chegou a Hollywood, começou, logo, a tentar os Studios. Paixão do seu sangue hespanhol, leveza do seu sangue francez e a tenacidade da sua descendencia allemã não lhe permittiam desanimos. Lutou, heroicamente, com a firme e certa vontade de vencer. Physico delicado, rostinho bonito, por que não havia de vencer?..

O primeiro emprego que lhe deram, no negocio de Cinema, acceitou. Foi o de "usher" do theatro Chinese, de Sid Graumann, em Hollywood e estreou durante a "premiére" de O REI DOS REIS, em 1927, naquelle officio. O seu primeiro trabalho, mezes depois, foi apparecer, ligeiramente, num quadro qualquer, como estatueta trajando roupas chinezas. O seu ordenado, durante esse tempo, era de 16 dollares por semana. Acceitando estes empregos, Raquel só tinha uma intenção: observar costumes, maneiras e vestidos das principaes "estrellas" e, assim, candidatar-se a uma posição para si propria, tambem, mais tarde, quando o destino o permittisse.

— Não tive intenção de ser "usher", com certeza, mas preferi isso a esmolar trabalho de Studio em Studio. Um dia, procuraram Renée, minha irmã mais moça, para tirarem um "test" della para um film da Christie. Ella respondeu que não queria ir, porque não se interessava pelo Cinema. Eu, que ali me achava, offereci-me. Quando dei meu nome, o homem não concordou. Aconselhou-me a arranjar outro que fosse curto e mais photogenico. Disse-lhe que não tinha outro e não sabia qual delles usar..

— Lembre-se, senhorita, que é uma dansarina hespanhola, agora mesmo chegada do Mexico!

— Eu, dansarina hespanhola?...

— Sim. Precisamente...

Quando chegámos á porta do gabinete aonde devia ser inscripta, pensei melhor e comprehendi. Disse-lhe:

— Meu nome é Raquel Torres.

Não sei aonde fui buscar o nome e nem porque é que o dei. Veiu ao meu cerebro, espontaneamente, acceitei-o. Quando fiz o tal numero de bailado, tive um medo pavoroso de um completo fracasso. Felizmente, no emtanto, não foi assim. Venci, a primeira prova e isto, sem duvida, fez-me bem mais feliz do que era. Depois disso, minha carreira proseguiu com certa rapidez, até que a 19 de Dezembro de 1927 eu assignava o meu contracto com a M G M. Dia 24 do mesmo mez, vespera de Natal, morreu meu pae...

Depois de uma pausa, ella continuou:

— Eu tenho medo de tudo, aqui em Hollywood. O successo, no emtanto, é a cousa que me faz medo! Mesmo de mim mesma, ás vezes, chego a ter medo. Ha tanta cousa que depende de mim, que, confesso, nem sempre tenho confiança em mim propria... Por mim, sem duvida, não existe ninguem que lute. Eu tenho que lutar... Nem pae, nem mãe, nem irmãos. Li, lembro-me, a historia de Clara Bow e dos seus multiplos soffrimentos. E conheço, eu propria historias assim... Cinema é uma carreira ardua e difficil de se vencer. Raquel, na nossa opinião, é uma das morenas mais bonitas que tem o Cinema. Seus olhos, rasgados, escuros, enfeitam extraordinariamente a sua physionomia interessante. suas pestanas, cuidadosamente cuidadas, são maravilhosas. Sua pelle é de um moreno admiravel e delicadissimo. Seus labios, mesmo sem **baton**, são de um rubro que impressiona vivamente. É de menos brilho do que Dolores Del Rio e menos geniosa do que Lupe Velez, suas conterraneas, mas, assim mesmo, é admiravel e terá um bellissimo futuro no Cinema, com certeza.

No Studio e nos arredores, chamam-na de "Rakkie". O facto é, no emtanto, que "Rakkie" começou como "usher" do "Chinese" e acabou indo ao mesmo, como figura de grande honra, no dia da exhibição de "Deus Branco"...

— Não sou nem estrella e nem figura sem importancia. Fico sempre no meio desses dois limites. Dizem-me, sempre, animando-me: — "Rakkie", você é feliz. Tem um contracto tão bom com uma companhia tão bôa!..." Mas eu nada vejo de mais no meu contracto... E' bom, não resta duvida, mas nem sempre dá-me opportunidades que eu quizera ter...

Aqui em Hollywood, além disso, é preciso muito criterio. A's vezes um homem convida-me para jantar ou para cear. Eu gosto de acceitar, principalmente quando vejo que a companhia é bôa e distincta. Mas é preciso tanta cousa... Primeiro, saber se não é elle casado. Segundo, se não tem namorada ou noiva.

E depois disso tudo, então sahir com elle. Porque se se transgridem estes principios, prompto!, já se tem aborrecimento para muitos e muitos mezes... Ha outras, então, que conseguem muito com as amisades faceis que conseguem nos Studios. Eu não as procuro. Prefiro ficar um tanto obscura, mas sempre dentro do circulo dos meus preceitos..

O meu artista predilecto é Ramon Novarro. Nas fitas, elle é sempre esplendido, delicado, sentimental. Gostaria tanto de fazer fitas com elle, é meu patricio, além disso, mas, parece, elle não quer... Acho que lhe fiz qualquer cousa, alguma vez, que nem sei o que seja, porque jamais fiz alguma cousa intencional a quem quer que seja. No emtanto, Ramon não quer Rakkie nas suas fitas... Não gostará elle de mim? Por que? se soubesse o quanto isto me magôa...

— Lembra-se de Joe, o irmão de Ramon Novarro que morreu? Pois bem, eu amava Joe. Mais do que a quem quer que seja, neste mundo. Elle me amava, tambem. Na escola que ambos cursavamos, no Mexico, dizia-me elle, sempre: — "Billy, quando terminarmos nosso curso, casar-nos-emos!" E elle e eu tambem adoravamos a carreira

quella...

do Cinema, sendo que elle contava, para subir nella, com o apoio e a protecção influente do seu irmão Ramon. Elle me amava e queria se casar commigo. Mas não queria que eu fosse artista de Cinema. Dizia, sempre, que me queria apenas para sua esposa.

Quando elle adoeceu e eu comprehendi que estava desenganado, foi quando mais soffri, em em toda minha vida. Tinha impressão que tudo era vacuo, em redor de mim e nada mais, para mim, tinha o sabor de outrora. Quando elle morreu eu me achava na casa de Ramon. Nem posso descrever o que se passou lá dentro! Ramon queria mais a seu irmão do que a tudo deste mundo. Elle soffreu, soffreu brutalmente! Quando Joe morreu, áquella familia ficou faltando uma das particulas mais delicadas e mais amorosas que já conheci em vida. Eu nunca contei a Ramon nada dos meus sentimentos. Tenho-os guardado para mim, só para mim. Naquelle instante, então, apenas pude tomar sua mão entre as minhas e, depois, abracei-o, chorando ambos, unidos naquella desgraça profunda. Mais tarde, Louis Mayer quiz que eu trabalhasse com Ramon em "O Pagão". Alguem me disse, no emtanto, que não acceitasse aquelle papel porque Ramon estava muito sentido commigo e eu lhe havia ferido profundamente os sentimentos. O que seria? Não me lembro, francamente.

Até ao dia em que elle me diga o que é que guarda contra mim, creia, não me sentirei mais feliz. Quando lhe pergunto, ás vezes, por que é que elle não quer que eu figure em seus films, responde-me elle, invariavelmente: — "Rakkie, eu não quero pequenas com pronuncia estrangeira nos meus films". Mas quando souber, um dia, que Raquel Torres está figurando ao lado de Ramon Novarro, num film, pode affirmar, categoricamente, a quem quizer, que Raquel é a mais feliz das creaturas deste mundo.

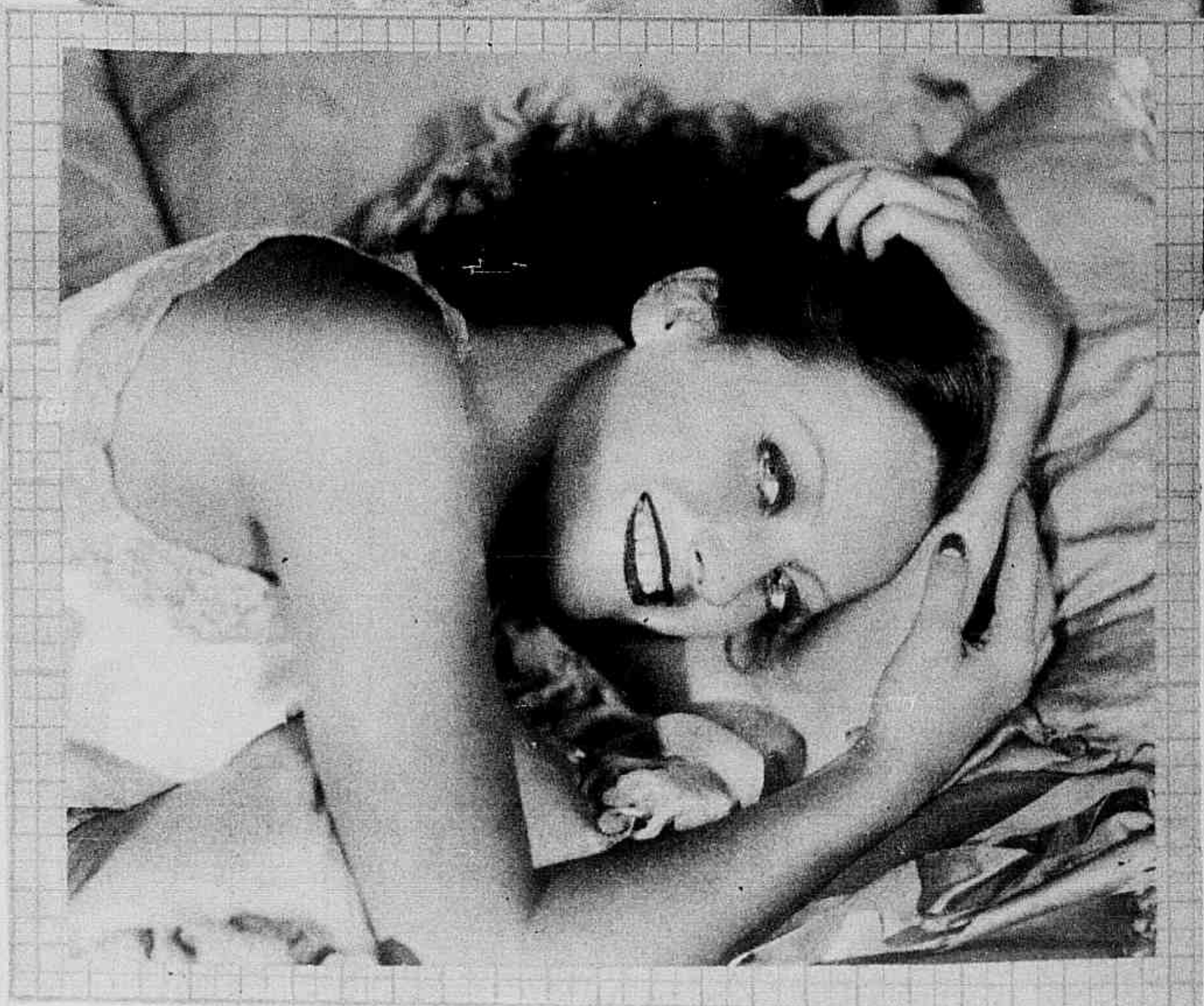
— Isto tudo, no emtanto, meu amigo, eu não quero que tenha caracter de historia triste. A amisade que tenho com Dolores Del Rio, por exemplo, já é uma grande felicidade para mim. Ella, para commigo, é gentilissima, bonissima! Pouco me importa que lhe caibam os melhores papeis e a mim os peores. Acaso devo estimal-a "Sou sua amiga, Rakkie, — diz-me ella, sempre — e amiga para todo sempre, sabe?"... Fico-lhe sempre gratissima pela phrase. O successo que a elevou ás melhores posições e a posição que alcançou, em Hollywood, são motivos de orgulho, para mim que tanto a estimo. Vendo sua linda casa e admirando-a, disse-me Dolores, um dia, contemplando meu espanto diante de tanta belleza. "Rakkie, casas grandes e bonitas não são felicidades... A felicidade pode até viver numa choupana..." Palavras sensatas, essas.

Eu gostaria que me puzessem em alguma cousa que não fosse papel de mestiça em fitas sobre os Mares do Sul. Eu queria papeis em que apparecesse bem vestida. Mas elles persistem em collocar-me em trapo... Mas um dia, tenho esperança, vencerei. Um dia elles me virão dizer que estou mudada e que, agora, já posso ser considerada como uma das maiores estrellas do Cinema...

Esperar e ter confiança no futuro, meu amigo, é tudo, para mim...

Albert Préjean, que está terminando em Berlim o film "Opéra de trois sous", acaba de ser contractado pela S. F. Osso, para tomar parte em varios films em preparo.

Eric Pommer, o mais importante productor de films da Allemanha, foi a Paris assistir á "première" de suas tres grandes producções: "A valsa do amor", "Anjo azul e "O caminho do paraiso".

Vital, artista francez do **Théatre Atelier**, embarcou em Setembro ultimo com destino a Hollywood, onde vae trabalhar num film, ao lado de: Daniel Mendaille, Rolla Norman, Suzy Vernon e Jean Helbling.

Joan Crawford só fez uma revolução quando appareceu em "Garotas modernas", mas continua sempre nova...

ARTISTAS de ALUGUEL

O artista quer é assignar o contracto. Ter o seu nome e ver, tambem, o nome do productor. O resto, pouco lhe importa.

Tempos depois, no emtanto, começam os seus trabalhos. Ahi, então, é que elles vêem que nem sempre é vantagem assignar um contracto... O artista tem que trabalhar. Recebe ordens. Não pode discutir e nem argumentar. Trabalha para qualquer empresa que a sua queira e, ainda, muitas outras cousas interessantes que vamos narrar...

Rudolph Valentino foi uma victima destes casos. Janet Gaynor, recentemente, outra...

Os Studios, então, vivem emprestando artistas como se elles fossem objectos...

Agora mesmo, Bebe Daniels, das que se acham em evidencia, sob longo contracto com a R K O, terminou "Ex Mistress", para a Warner Bros. e está, ao lado de Douglas Fairbanks, figurando na United, em "Reaching for the Moon"... O motivo de ter sido ella emprestada, reside no facto de Warner e Schenck terem necessitado justamente do seu typo para determinados papeis. Bebe Daniels, ella mesma, com certeza só soube da cousa depois que William Le Baron lhe mandou arrumar a maleta de maquillagem para se transportar para os referidos Studios... Foi trato entre empresas e, portanto, nisso a artista interferencia alguma teve.

Ha pouco tempo, aliás, John Boles "soffreu" a mesma transacção. Samuel Goldwyn o pediu emprestado para figurar em "The Queen of Scandal", ao lado de Evelyn Laye, para a United. Sabe-se com referencia a este "emprestimo", que Carl Laemmle, emprestando John Boles, recebeu, por elle, tres vezes o que elle recebe na Universal, pelo seu legimo contracto... Neste ponto, então, ha factos interessantissimos para observar em tudo isso. O jogo do emprestimo é aberto, franco, para quem quizer observar e ver e, ás vezes, certas fabricas mais lucros tiram alugando determinados artistas seus do que, mesmo, fazendo-os apparecer em fitas suas...

Joan Bennett, por exemplo, é uma dessas que têm sido emprestadas a torto e a direito. Ha bem pouco tempo que se acha na United, apparecendo no seu primeiro film como estrella, "Smilin' Through", aquella mesma historia que Norma Talmadge fez, ha annos. Andou todo este tempo, emprestada, de cá para lá, de lá para cá, até que agora, finalmente, depois de ter dado muito lucro á United com seus emprestimos, vem, emfim, fazer o seu primeiro film como estrella, pelo seu contracto...

De todos os casos, no emtanto, o de Conrad Nagel é o mais importante. Elle tem sido o artista mais "emprestado" de Hollywood. Todos os Studios, pode-se dizer, já têm emprestado os serviços de Conrad Nagel da concessionaria M G M. Trabalhou longos mezes na Warner Bros, aonde chegou a pensar que pertencia á Warner, mesmo... Chegou ao cumulo, mesmo, de quando se dirige para o trabalho, instinctivamente tomar a direcção de Sunset Boulevard, quando deve se dirigir para Culver City... Habitos que adquiriu com os "emprestimos".... E a M G M, mesmo, não quer outra vida!

Os "emprestimos", no emtanto, não abrangem sómente aos artistas, não. Pessoal de atraz da machina tambem vae na onda... Directores, scenaristas, operadores, electricistas, tudo, em summa! E' um tal de emprestar e ganhar lucros que, afinal de contas, só emprestando uma Empresa pode fazer alto negocio... quando tem bôas figuras, é logico!

Dorothy Sebastian, sob contracto com a M G M, fez, ultimamente, fitas para a Pathé, Columbia e Tiffany. Edmund Lowe, mesmo, da Fox já sahiu para cumprir uns **emprestimos** na First National, Pathé e United Artists. Constance Bennett, sob contracto longo com a Pathé, tem sido constantemente emprestada, para a Warner, Fox, etc. Ann Harding, da Pathé e estrella de primeira magnitude, mesmo, figurou ha bem pouco tempo em "The Girl of the West", para a First National. Marian Nixon, Douglas Fairbanks Jr., Jean Arthur, Rita La Roy e Barbara Kent, por exemplo, formam um grupo que rarissimas vezes é encontrado nos seus respectivos Studios... James Hall e Ben Lyon, quando foram figurar em "Hell's Angels", tinham contractos com suas respectivas fabricas e só os ordenados que Howard Hughes pagou pelos "alugueis" de ambos, representa mais do que elles ganharam a vida toda, até agora... Elles chegaram a pensar que a fita de Hughes era eterna e que aquillo ia passar a ser emprego publico...

Mary Pickford e Gloria Swanson, recentemente, emprestaram, de um Studio, os prestimos profissionaes do operador George Barnes, um dos mais peritos de Hollywood. Johanna Mathieson, da Universal, desenhista de modelos é frequentemente "alugada para outros "lots".

Com Sue Carol aconteceu outro caso. Ella foi "emprestada" por Sheehan, da Fox, e Le Baron, da R K O. Depois do primeiro film, Le Baron consultou Sheehan e entraram em mutuo accordo. Transferiram o contracto, com assentimento de Sue, aliás e, assim, passou ella da Fox para a R K O por esse motivo.

Ha outras figuras, no emtanto, que jamais são emprestadas. Greta Garbo, John Barrymore, Ramon Novarro, John Gilbert, William Haines, Joan Crawford, Maurice Chevalier, são figuras que nunca são emprestadas. Com Chevalier, ha pouco, deu-sse um caso. Uma fabrica quiz eemprestal-o, á força, para figurar num film, para o qual, dizia o productor, sómente a sua figura cabia. A Paramount, no emtanto, rejeitou as offertas mais fortes que lhe fizeram, porque, afinal, Chevalier, na Paramount mesmo parado, dá mais dinheiro do que emprestado a quem quer que seja... O mesmo já não se deu com Jeanette Mac Donald, no emtanto, que já esteve na United e acaba de fazer um film para a Fox. Ha casos de procura, então, que são interessantes de se observar. Lew Ayres, antes de ser "astro", era simples tocador de banjo de um "jazz" de Los Angeles. Fez "All Quiet on the Western Front".

(Termina no fim do numero).

Dorothy Sebastian

John Boles

Conrad Nagel

Fé,

Esperança
e
Caridade?..

As

tres

graças?

Yola d'Avril,

Fifi Dorsay
e
Sandra Ravel

Suprema culpa

A unica creatura triste, naquella praia alegre era Carolyn Polk. Todos ali se divertiam. Ella, no emtanto, conservava-se pensativa, sem um sorriso, como se alguma cousa de muito desagradavel lhe tivesse occorrido na vida... Um grupo de rapazes que mais além se achava divertindo-se, instigou Bob Lee a ir terminar aquella tristeza e elle, ousado e destemido promptoficou-se a terminar com aquella tristeza.

Minutos depois, Carolyn sentia-se impaciente ao lado daquelle aborrecido que tentava, a todo transe, tomar-lhe um dos mais bonitos sorrisos.

— Mas afinal, meu bom amigo, o que é que o senhor quer?...

— Ser seu amigo, vel-a sorrir, contemplar seu rosto e... mais uma porção de cousas, senhorita...

Para livrar-se delle, Carolyn, rapida, num movimento que elle não poude deter, atirou-se nagua e, instantes depois, elle não a via mais. Fugira e refugiara-se no seu **bungalow** um pouco distante.

⸙ ⸙ ⸙

Bob Lee era filho do juiz Lee, um homem que tinha coração duro e alma cruel. E fôra o juiz Lee que condemnára o pae de Carolyn Polk a dez annos de prisão cellular, sem appellação, por um crime que não commettera e apenas para se sujeitar a um quasi capricho do juiz... Era razoavel, portanto, que Carolvn não désse, naquelle dia, a menor attenção a Bob Lee e estivesse triste. Aquelle rapaz lembrava-lhe a crueldade de juiz seu pae e, tambem, a ausencia de seu pae que ella tanto sentia.

Mezes depois, no emtanto, a situação de Bob Lee ao seu lado melhorára muito. Ella não conseguia deter seus impulsos. Aonde apparecesse, elle estava. A gentileza delle, além disso, era distincta e delicadissima. O coração de Carolyn, moço e cheio de sentimento, não podia ver em Bob apenas o filho do juiz Lee. Tinha que o considerar como homem, logicamente e, cada vez que o fazia, não podia deixar de trahir seus sentimentos em relação ao mesmo...

O facto era que Carolyn começava a amar Bob, ainda que não quizesse, ainda que sua consciencia e seus sentimentos de filha a aconselhassem a não fazer semelhante disparate.

⸙ ⸙ ⸙

Foi num daquelles dias que o velho Polk regressou ao lar. Seu livramento era condicional e havia dez annos que cumpria aquella pena injusta. Os primeiros instantes foram de intensa, violenta emoção e alegria. Depois, achando que ali mesmo e naquelle mesmo instante é que devia contar ao pae o que se passava com ella e Bob, contou.

— Amo-o, meu pae. Lutei contra este sentimento. Fiz tudo para provar que o tinha esquecido. No emtanto. meu pae... Amo-o! Não posso fingir e nem occultar, por mais tempo, uma cousa que tanto me agrada!

O velho Polk: depois que ouviu aquillo tudo, concentrado, nervoso, remoendo todo seu odio, não se conteve mais. Estourou e as palavras com que feriu aquelle sentimento de sua filha, foram as mais brutaes, as mais duras e as mais frias que conseguiu encontrar no seu vocabulario todo...

— Não! Não e não! Mil vezes não, creatura! Queres humilhar-me até esse ponto?... Espezinhar-me assim?... Por que?... Por que?!...

⸙ ⸙ ⸙

A mesma scena, na casa do juiz Lee, tinha logar. Bob contava ao pae o que queria.

— Ella se chama Carolyn Polk, meu pae. Amo-a e quero casar-me com ella!

O violento palavrorio que elle ouviu, ali mesmo, ensurdeceu-o. Foram palavras em que Polk apparecia como assassino e sua filha como uma "qualquer" e aquillo, para Bob, era a suprema angustia. Agora é que elle comprehendia o retrahimento de Carolyn. Agora é que elle comprehendia a crueldade de seu pae para com o pobre e velho Polk. Não era justo, portanto, que elle agisse dessa fórma...

O facto é que os namorados, dali para diante, começaram a encontrar os mais amargos dissabores. Amavam-se. Queriam-se profundamente bem. Agora, Carolyn já era meiga para Bob, já se haviam beijado, já se haviam sentido, um sobre o coração do outro, pulsando todo aquelle affecto que os enternecia. Os paes, no emtanto, irreductiveis, crueis, eram os pontos oppostos, violentos, que tudo faziam para os separar e o mais depressa possivel, igualmente...

Um dia, na casa de Polk, os dois velhos avistaram-se. Lee ali fôra para regular aquelle assumpto. Feitas, em palavras violentas, as primeiras explicações. Polk entrou pelo assumpto que lhe interessava.

— Miseravel juiz que foste, Lee, peor pae és ainda! Por que prohibes o casamento? Além de me desgraçares com esses 10 annos injustos de prisão, ainda queres infelicitar minha pobre filha, não permittindo que se case com Bob?...

— Tens razão, rato de prisão, tens razão! Meu Bob jamais se unirá a uma raça de assassinos!!!

Quando Bob e Carolyn ali entraram, encontraram Lee sob as mãos de Polk que quasi o estrangulava.

Instantes depois, mais calmos os animos, Lee põe, diante de Carolyn, uma offerta. Ou casaria com Bob e o processo contra seu pae continuaria, cada vez mais intenso. Ou ella desistia de Bob e o processo seria desfeito, elle o promettia e garantia. Com poucos instantes para pensar, Carolyn fez o que qualquer outra boa filha faria. Opinou pelo pae. E quando Bob se despediu della, pela ultima vez, e, além disso, seus olhos encheram-se de lagrimas e sua garganta de soluços, o velho Polk comprehendeu, claramente, que só um remedio lhe restava. Resolveu melhor aquelle problema para que sua filha não soffresse tanto por Bob e pelo amor que lhe dedicava...

⸙ ⸙ ⸙

Com o consentimento de Polk, Carolyn e Bob avistavam-se, diariamente e, cada vez mais apaixonados, já não se podiam mais conter sem as mais ternas e delicadas caricias.

Um dia, numa das visitas, Bob trouxe, para o velho Polk, um veneno poderoso que serviria ás roseiras de Carolyn e ás transformações que o mesmo queria operar nellas.

Na manhã seguinte, quando o velho Polk foi encontrado morto e constatou-se que estava envenenado, a culpa pela palavra de algumas testemunhas, accusaram Bob de ter envenenado o velho Polk para o arredar do seu caminho. Não havia uma prova a seu favor. Todas eram contra. Bob é preso e conduzido ás grades. O processo começa a correr, com a profunda magua de Carolyn, que sabe, perfeitamente, que elle não é criminoso e com o aborrecimento sério do Senador Lee, que, naquelle instante, vê qualquer cousa de vingativa, naquella situação...

⸙ ⸙ ⸙

Os jurados, no dia do julgamento, deram friamente a sentença: — Bob devia morrer. Foi um momento de angustia e de soffrimento. Foi um momento de profundo abatimento para Carolyn. Bob, então, nem coragem tinha para falar... Tudo quanto o Senador poude fazer, por Bob, fez. Inutilmente, no emtanto. Elle teria que dar o pescoço á forca...

(Termina no fim do numero)

VIRGINIA VALLI	Carolyn
JOHN HOLLAND	Bob Lee
JOHN SAINPOLIS	Polk
LYDIA KNOTT	Martha
ERVILLE ALDERSON	Lee
RICHARD CARLYLE	Doutor Bennett
CLARENCE MUSE	Jefferson
EDDIE CLAYTON	Jerry

Director: — GEORGE B. SEITZ

A Tela em Revista...

Greta Garbo falou...

C L A R E A N D O . . .

Pode-se permittir, perfeitamente, a exhibição de uma fita de enredo realista, forte, mesmo, como *Sangue por Gloria*, por exemplo. Pode-se permittir, ainda, uma serie de fitas scientificas, mas *realmente* scientificas. Mas não se pode, em absoluto, permittir que se exhibam, a um publico, seja elle qual fôr e da especie que fôr, uma serie de fitas tão pouco decentes como as que se estão exhibindo no Phenix. A *temporada* devia-se chamar da pornographia declarada e não realista. E o que os donos das fitas e arrendatarios do theatro estão fazendo é, certamente, um crime. Antes de mais nada, porque estão intercalando trechos de uma obscenidade revoltante, nos quadros das fitas que exhibem e a continuar o trabalho de artistas conhecidas, em situações as mais revoltantes. Talvez não saiba disso o actual censor Cinematographico. Mas, quando souber, caso ainda chegue a saber antes da *temporada* terminar, deve tomar as suas providencias e de fórma a que nunca mais pensem os aventureiros que tentam essa sorte de Cinematographia entre nós.

Não estamos tomando attitude de moralistas. Os films immoraes são ás vezes acceitaveis. Mas estes que estão passando no Phenix são obscenas, sujos, revoltantes.

PALACE-THEATRE

ROMANCE — (Romance) — Film M. G. M. — Producção de 1930.

De *Laranjaes em Flôr* até *Romance*, seus primeiro e ultimo films, Greta Garbo fez notaveis mudanças. Soffreu a doida sensação de se tornar *estrella* da noite para o dia. De *estrella*, tornou-se mundialmente famosa e ardentemente querida, marcou os maiores successos de bilheteria, deu rios de dinheiro á sua fabrica, conseguiu o maior nome do Cinema, deu motivo a historias e mais historias a seu respeito, e, conservando seu mutismo, sua exquisitice, ainda mais bizarra se tornou e ainda mais admirada e querida pelo publico. Greta Garbo, no Cinema, é uma personalidade enorme, formidavel, mesmo e o iman garantido que attrahe o publico de qualquer parte do globo. Amante ou não de John Gilbert, sincera á memoria de Mauritz Stiller ou não, recebendo poucos amigos ou não recebendo nenhum, Greta Garbo sempre foi sublime, sempre foi admiravel. Seus films, além disso, eram portentos. *Terra de Todos*, em que ella viveu a heroina de Ibañez com incrivel belleza. *A Carne e o Diabo*, o seu maior film, na nossa opinião, em que ella e John Gilbert viveram o romance mais violento, mais apaixonado, mais emocionante de todos os tempos. *Anna Karenina, Mulher Divina, Dama Mysteriosa, Mulher de Brio, Orchideas Sylvestres, Mulher Singular*, finalmente, o seu ultimo film silencioso. Depois, entretanto, ella fez *Anna Christie*, seu primeiro film falado. O assumpto era rude, sordido, mesmo e a M. G. M. resolveu guardal-a para o anno proximo e nos dar, antes, *Romance*, o seu segundo film falado que acaba de se exhibir.

Não vamos discutir, aqui, se *Romance* é a peça de Sheldon ou não. Para effeito de critica Cinematographica, é esse um detalhe pouco significante. Vamos conversar sobre *Romance*, aqui, como se *Romance* fosse *mais* um film de Greta Garbo.

Na nossa opinião, sincera e leal, Greta Garbo, falando, perdeu todo aquelle romantismo, todo aquelle mysterio, todo aquelle encanto divino que a fazia uma artista áparte, completamente, na constellação toda do Cinema americano. Seus films silenciosos, todos bons, em regra, eram uma fascinação constante que se iniciava com o seu primeiro *close up* e terminava com um suspiro longo e grande prova insophismavel de que o *fan* mergulhava na poltrona, concentrava-se e sorvia, da tela, o espirito do film e, principalmente, a personagem que Greta Garbo vivia, sempre bem, sempre com perfeição, maravilhosa e perfeita no seu menor gesto, sublime e incomparavel na sua mais simples attitude. *A Carne e o Diabo*, o seu film que mais nos impressionou, se recordam, era admiravel! Que scenas! Que Greta Garbo differente, fascinante, perturbadora e deslisando pela tela, sem sons e sem voz, apenas usando a sua magica physionomia privilegiada, seu sorriso de labios sensuaes, maliciosos e seus olhos, dois convites morbidos a excitar uma paixão em cada coração da platéa... Era Greta Garbo, a suprema fascinação do Cinema, o symbolo verdadeiro do que elle era: silencio e seducção.

Hoje, falando, Greta Garbo deixou de ser uma cousa etherea, inexistente, o sonho que todos sonhamos. Tornou-se uma outra artista com o mesmo nome, de voz de Margarida Max, embora quente e "de paixão", como quiz a publicidade. Tornou-se actriz, deixando de ser artista... E entrou direitinho pelo repertorio que faz ponto nos dialogos e esquece a acção: *Anna Christie, Romance*...

Na nossa opinião, repetimos, *Romance* é um film que, como film, é fraco. Bess Meredyth e Edwin Justus Mayer, que adaptaram para o Cinema a peça de Edward Sheldon, não foram felizes. Quizeram transplantar tudo, direitinho e esqueceram-se da acção. A direcção, de Clarence Brown, embora, é despida do colorido que apreciamos em outros trabalhos seus. E' commum, apenas.

As criticas americanas, neste ponto, estiveram divididas. Uns acharam que foi o melhor trabalho de Greta Garbo e, outros, que havia restricções a fazer. Nós, por nossa vez, reconhecemos que o thema é delicadissimo e cremos, com sinceridade, que a peça, num palco, dentro da technica theatral, seja uma maravilha e um poema de ternura e romance, mesmo. Mas achamos que a mesma peça, como está adaptada no Cinema, nem conserva o grau de emoção e espiritualidade naturaes a um film neste genero e nem, tampouco, o colorido que o theatro dá a certas circumstancias que um *close up* apenas arruina. E' mesmo. *Romance*, o exemplo typico do que sempre dissemos: um Cinema soffrivel e um theatro mau.

Baseando-se tudo, portanto, na belleza dos dialogos que, confessamos, não sabemos se foram realmente os escriptos por Sheldon, a acção é quasi inutil e se Clarence Brown não applicasse, ainda, alguns angulos bons e uma boa movimentação de machina, em determinados trechos, peor seria, com certeza. Não ha belleza Cinematographica neste film. Ha sequencias em que apenas a belleza de Greta Garbo se revela e... nada mais. E nem, muito menos, o colorido theatral que, para um palco, transforma tudo. Ha dialogos e mais dialogos, alguns trechos de musica bem intercalados, uma *double* cantando por Greta Garbo e um Lewis Stone alinhadissimo, sempre impeccavel e sempre bom artista. Gavin Gordon é que não apreciamos. Nota-se que é um principiante, sem desenvoltura e, apenas, com um physico invejavelmente robusto. Será melhor *cow boy* com certeza.

Acreditamos que o assumpto de Sheldon que tem poesia, realmente, transformasse-se num film primoroso. Mas teria que ser silencioso e da historia teria que restar apenas o espirito. Depois disso, então, teriamos a propria Greta Garbo formidavel e muito mais divina do que está aqui.

A scena que mais apreciamos foi aquella entre Greta Garbo e Lewis Stone, quando ella, para mostrar-lhe gratidão, beija-lhe as mãos. Quando ella revela a verdade toda a Gavin Gordon, tambem representa bem, innegavelmente, mas está tudo perdido pela frieza de Gavin Gordon. Ha alguns outros momentos felizes, mas já foi muita ousadia nossa dizer que Greta Garbo foi mal na sua primeira experiencia falada entre nós exhibida... E' melhor ficar por aqui. Já houve uma versão Cinematographica, com Doris Keane, a creadora do papel, por signal, dirigida por Henry Kolker e apresentada pela United Artists.

Cotação: — 6 pontos.

IMPERIO

A NOIVA DA ESQUADRA — (Paue to the Navy) — Film Paramount — Producção de 1930.

Dizem que Clara Bow perdeu o *it* e que ganhou muitos escandalos. Que não é mais a menina dos olhos da Paramount. Que não serve para mais nada, tanto que até *shorts* já está fazendo... Mas dizem tanta cousa que não é verdade...

A Noiva da Esquadra, este seu ultimo film aqui exhibido, pode não ser, realmente, no terreno da arte do Cinema, uma de suas joias, concordamos, mas é um film divertido. Clara Bow, garotinha e mais magra, mais elegante e sempre sympathica e fascinante, mesmo, é a vida desta hora e tanto de divertimento. Ella é, mais uma vez, uma pequena levadinha da breca que namora tantos marinheiros quantos tem a esquadra *yankee*. Acontece, entretanto, que apparece o "tal" pelo qual ella se apaixona, de verdade, ha um *climax* mais ou menos interessante e, afinal, vê-se que ella não namorava, mesmo, a não ser para activar os negocios do seu patrão Harry Green... E' tudo.

Historia fragil e sem consequencia, realmente, não deixa de ser, entretanto, divertida e um agradavel passatempo. Ha duas boas brigas, piadas em quantidade, o desempenho interessantissimo de Harry Green e Frederic March que se apresenta num bom papel, embora seu typo não convença. Os dialogos, para quem entender o *slang* americano, é cheio de cousas interessantes e ha acção em quantidade, a não ser naquelle trecho do omnibus em que ha muito falatorio.

Rex Bell, que, pelas noticias, é o *ultimo* conquistado por Clara Bow, apparece. Eddie Dun e Harry Sweet offerecem boa comedia. Sam Hardy é uma especie de villão. Mas a fita, todinha, é de Clara Bow e de Harry Green.

Ella não deve mais cantar, com certeza,

porque não canta tostão! Mas, apesar disso, a melodia foi bem excaixada. Podem assistir, sem susto, que não se aborrecerão. O systema Paramount, continua sendo o melhor: letreiros sobrepostos e copias totalmente faladas. Ou film silencioso, apenas sonoro, ou totalmente falado e com letreiros sobrepostos ou intercalados. *Mudos* é que não são agradaveis.

Argumento de Keene Thompson e Doris Anderson. Dialogos de Herman J. Mankiewicz. Operador, Victor Milner. Frank Tuttle dirigiu o film na sua forma habitual.

Cotação: — 5 pontos.

GLORIA

ENTRE LUVAS E BAYONETAS — (The Patent Leather Kid) — Film First National — (Programma M. G. M.) — Producção de 1927.

Apenas agora, para prestigiar um pouco o programma *passatempo* do Gloria, exhibiu-se o film de Richard Barthelmess, *Entre Luvas e Bayonetas*, que a critica americana tinha elogiado vastamente e que era tido como um dos melhores desempenhos de Richard.

Realmente, trata-se de um film esplendido. Silencioso, feito com aquella technica que faz saudades, admiravel, profundamente admiravel, na sua mais simples minucia, este trabalho de Alfred Santell, com Richard Barthelmess, é um film de valor a que todos devem assistir.

E' *mais uma* historia de guerra. Tem o *hokum* natural á este typo de historia e, ainda, o patriotismo ás vezes até cabotino dos films *yankees* deste genero, como sóe acontecer com este film, na sua ultima sequencia, uma sequencia ridicula e forçada, que, sem favor, é o unico ponto fraco do mesmo e, o que é peor, quasi que o arruina todo.

A historia de upert Hughes, scenarizada pela competencia indiscutivel de Adela Rogers St. Johns, é esplendida. Narra as aventuras de um pugilista convencido e antipathico, que, valente com luvas, mostra-se, na guerra, apavorado com bayonetas. Ha o heroismo final, no *climax* e, tambem, o final feliz que é o tal ponto fraco a que nos referimos. Elle se ergue, paralytico e, ainda por cima, faz continencia, com mãos tremulas...

Mas, voltemos ao film. Alfred Santell soube tirar partido da menor parcella emotiva do mesmo. Ha sequencias, mesmo, que são de um valor inestimavel! Sente-se o abandono em que elle vive e sentem-se, ainda o amor e o ciume que aquella mulher lhe inspira. Ella, pobrezinha, a Molly O'Day é que não é aquillo que a gente sonha para aquelle papel. Mas elle, Barthelmess, está num dos seus melhores films e representa admiravelmente, mostrando a especie de artista que elle é. Esplendido. Elle é 50% do film. Alfred Santell, o director, os outros 50%.

Ha comedia, romance, drama, tragedia e symbolos e detalhes esplendidos. Assistam. O film devia terminar naquella mesa de operação, com a morte de Barthellmess. Não havia outra sahida, mesmo. Aquelle desespero e quasi loucura de Molly O'Day deviam ser o ultimo quadro do film.

Films assim é que fazem saudades dos bons tempos...

Mathew Bettz, Arthur Stone, Lawford Davidson, Lucien Prival e Nigel De Brullier, apparecem. Hank Mann figura numa sequencia feliz.

Cotação: — 7 pontos.

PATHÉ PALACIO

O CZAR DA BROADWAY — (Czar of Broadway) — Film Universal — Producção 1930.

Film genero *underworld*, mas explorando um lado mais elevado deste mesmo assumpto. No caso, John Wray, ou seja Morton Bradley, é uma especie de cabo politico que nós tambem conhecemos muito bem e que acoberta todos os seus crimes e violencias á custa de manejos felizes em torno de politicos influentes, dos quaes é guarda costas.

A historia não é má. Explorando embora um assumpto conhecido, tem um aspecto de jornalismo que dá maior vida ao film e, ainda, passa-se, todo elle, em ambientes notavelmente modernos e elegantes e apresenta uma direcção cuidada, de William James Craft, o qual tambem escolheu angulos até inéditos, como aquelle da mesa de jogo, apanhada por baixo, graças á comprehensão e perfeita execução do operador Hal Mohr, um artista e um mestre na arte.

Podem ver o film, apesar delle estar sendo exhibido em versão *muda* e não deixarão de apreciar os desempenhos de John Wray, sincero e natural, de Betty Compson e de John Haroon, todos bem nos seus papeis. Claud Allister fornece uma personagem sinistra e exotica, um dos valores do film e King Baggott, ex-director, apparece numa ponta.

A scena do assassinato de John Wray e Claud Allister está esplendidamente mostrada e impressionante pelo seu trecho sonóro.

Ha interesse, na historia e certa emoção, mesmo. O caracter daquelle cabo politico, disfarçado como agente de seguros, é interessante. Tratado em escala maior e entregue a um director dos da classe formidavel, seria outro film. Mas, assim, mesmo, está bom.

Argumento de Genne Towne.

Cotação: — 6 pontos.

PARISIENSE

MENINA DA FUZARCA — (Fancy Baggage) — Film Warner Bros. — (Programma Matarazzo) — Producção de 1929.

Este film, nos Estados Unidos, foi exhibido parte falado. E, bem por isto, supportamse scenas e mais scenas, totalmente *mudas* e com uma tremenda successão silenciosa de dialogos e mais dialogos, acompanhados dos respectivos letreiros...

O film é fraquissimo e não merece mais do que poucas palavras de commentario. A direcção de John G. Adolfi é commum e despida de qualquer colorido. Audrey Ferris, embora bonitinha, ás vezes é fraquinha. E pasmem! Wallace Mac Donald é o galã e Hallan Cooley o engraçadinho... Myrna Loy, George Fawcett, Eddie Gribbon e Edmund Breeze apparecem.

Argumento de JeJrome Kingston. Scenario de Graham Baker. Operador, Bill Reiss.

Cotação: — 4 pontos.

RIALTO

DIANA — (Diane) — (Prog. Urania).

Um film de Olga Tschechowa que lembra outros films seus. Hans Schlettow, Henry Victor e Pierre Blanchar do Cinema francez, tomam parte. Um film de "costume"

Cotação: — 6 pontos.

PATHÉ

DESEJOS DA MOCIDADE — (Young Desire) — Universal — Producção de 1930.

Mary Nolan salva o desinteresse da fitinha, fazendo uma artista bonita demais para ser de circo... A historia é banal e, tratada com mais carinho, poderia ter dado alguma coisa que interessasse o publico. Assim como está, não vae lá das pernas. A gente olha para Mary Nolan sem pensar muito na sua interpretação de uma "gold-digger" que desta vez é de circo. No emtanto ha scenas entre Mary e Claire Mac Dowell que devem ser tomadas em conta. Mae Busch já não é mais a mesma dos tempos de "Esposas Ingenuas", William Janney não é galã para Mary Nolan, mas tem naturalidade e é bastante sympathico. Lew Collins desta vez fracassou, mas o scenarista de "Desejos da Mocidade" ainda fracassou mais do que elle, proprio...

Cotação: — 5 pontos.

OUTROS CINEMAS

A SYMPHONIA PATHETICA — "La Symphonie Pathétique" — Film da La Centrale Cinematographique — Producção de 1929 — (Programma Matarazzo).

Film francez, com os eternos erros de scenario, direcção e interpretação, communs á todos os films francezes.

Georges Carpentier, actualmente na America, ex-campeão de box e figura muito conhecida do publico, tem o principal papel. Regular. Olga Day é a melhor figura feminina da fita. Regina Dalthy, que já esteve aqui no Rio e que figurou, mesmo, em *Augusto Annibal quer Casar*, tem um papel antipathico. Henry Krauss, tambem apparece. A direcção de Etievant e Naplas, regular, apenas. Não recommendamos com enthusiasmo.

Cotação: — 5 pontos.

O TYRANNO DA SIERRA MADRE — (Tyrant of the Red Gulch) — Fita da F. B. O. — Producção de 1929 — (Programma Matarazzo).

Fita fraquinha com Tom Tyler no principal papel. A direcção de Robert de Lacy é que faz a fita fracassar.

Argumento fraco e apenas Frankie Darro, um pequeno sempre interessante, a manter o interesse pelo film. Josephine Borio, a italianinha linda que vimos em outras fitas, apparece feia e mudada, como heroina. Mesmo os apreciadores do genero não ficarão muito satisfeitos.

Cotação: — 3 pontos.

* Passou em *reprise* o film de Glenn Tryon, "Traje de rigor"

UMA NOITE NA CIDADE — (Trailing Trouble) — Film Universal — Producção de 1930.

Mais um filmzinho de Hoot Gibson. Nem melhor e nem peor do que os outros. Regular, apenas.

Hoot, cabellos já um tanto ou quanto grisalhos, gordo, está envelhecendo e já mostra caracteristicos de aposentadoria...

No assumpto ha os casos de sempre e nada de novo no scenario. A direcção de Arthur Rosson tambem é commum. Margaret Quimby é a heroina e Olive Young tambem toma parte. Peter Marrison tambem figura no elenco.

Cotação: — 4 pontos.

EM BUSCA DE UM MILHÃO — (Programma Guará).

Kenneth Mc Donald é um artista que imita Richard Talmadge e, ás vezes, consegue o interesse parcial do publico O enredo é soffrivel e as aventuras são algumas interessantes. Joe Girard, Jay Hunt e Alphonse Martel apparecem.

Cotação: — 4 pontos.

RO

Se Lubitsch a conhecesse ha mais tempo, não faria "Rosita" com Mary Pickford...

De L. S. Marinho, representante de CINEARTE em Hollywood

A segunda vez que me avistei com Rosita Moreno, almoçei com ella. Francamente, já estou tomando gosto, novamente, pelos almoços com *estrellas*. A menos que appareça, num delles, novamente, algum tomate recheado...

Artistas latinos, não sei porque, são mais accessiveis para se entrevistar e eu gosto mais, mesmo. Não esperam as perguntas, naquella attitude grave, quêda e estudada dos outros. Ao contrario, falam até demais, em certas circumstancias...

Rosita, mulher bonita e graciosa, cheia de seducção, seria, para mim, falando ou não falando, motivo para um artigo. Mas foi melhor que ella falasse, sem duvida, porque assim acabámos nos entendendo melhor, mesmo.

Mas... Não conversámos em hespanhol. Ainda que os americanos teimem em pensar que os brasileiros falam hespanhol, eu continuo falando peor hespanhol do que inglez e, confesso, sinto mais difficuldade, o que é interessante, sem duvida...

O que ella me disse, emquanto a *garçonnette* trocava os pratos, foi pouco. Foi pouco, em vista do quanto eu queria ouvil-a dizer, o dia inteiro, a vida inteira, se possivel fosse...

Aqui está o que ella me disse. Tirem os leitores amigos, mesmo, as suas conclusões...

— "Bien"... Algo sobre minha vida?... Começarei dizendo-lhe que em 1918 estive no Brasil. Conheço sua lindissima terra e seu fidalgo povo. Gostou?...

Olhou-me. E aquelle olhar, meu Deus, fez-me responder apenas engulindo a respiração toda...

— Tenho apenas vinte annos, meu amigo. Quando passei pelo seu paiz, ainda era menina, mas lembro-me perfeitamente do que foi aquelle sublime espectaculo para mim. E, com tão pouca idade, acha que posso ter muitas cousas a lhe contar?...

Um novo olhar. Mas eu já me tinha firmado mais e, assim, sustentei firme e não mais enguli em secco...

— As impressões do meu passado que tenho gravadas em meu cerebro, são de natureza a nunca mais se afastarem de mim. Acompanhar-me-hão ao fim da vida. Não têm, qualquer que seja, a vida de um sonho, não... A impressão que tenho, meu amigo, é que ha, entre o meu passado e o meu presente, uma onda de luz, impenetravel pela sua claridade offuscante e que eu estou pelo lado de cá, illuminada, salva da escuridão em que me achava immersa, ha annos, do outro lado dessa mesma columna illuminada...

A pausa que fez, foi para revolver o passado.

— Paco Moreno era meu pae. Elle é que sempre me dizia que eu ainda seria uma artista, quando, em criança, observava as minhas inclinações para a arte da representação. A minha existencia toda, posso dizel-o, nada mais tenho feito do que representar e tornar a representar...

Falando lentamente, contava-me as suas impressões lentamente tambem. Parecia estar sonhando e falando em voz alta.

— Outra das impressões grandes da minha vida, foi um espectaculo que dei em Lima, Perú e, delle, recordo-me muito bem, tive uma forte impressão. Terminado o mesmo, atiraram ao palco flores. Flores, muitas e muitas flores. Eram tantas que cheguei a ficar suffocada com o perfume das mesmas e com a quantidade. Era ainda uma criança. Foi uma impressão tremenda para meus nervos. No Panamá, certa occasião, alguns espectadores arranjaram uns pombos e, emquanto eu dansava, elles os soltaram para o palco e, quando os vi, interrompi o bailado e os apanhei. Alguns dos muitos que me enviaram. Foi outra acclamação e outro deslumbramento, na minha vida...

A minha vida, assim, é, mesmo, uma tela de Cinema: emoções, alegrias, tristezas e, envolvendo tudo, uma onda de romance que ás vezes me suffoca e dá-me vontade de chorar sem motivo, sem mesmo saber se é de alegria ou de tristeza...

Depois, suffocada, de quando em quando

por uma recordação mais triste ou por uma mais alegre, contou-me mais alguma cousa de sua vida. Na cidade do Mexico, seus paes tornaram-se dansarinos profissionaes. Depois do nascimento de Rosita, immigraram elles para esta Cidade, tendo ella seis mezes, nesse periodo. Um anno depois, a revolução chefiada pelo ex-presidente Diaz, arruinou-os, tirando-lhes todos os haveres.

Seus paes e ella, annos depois, começaram suas carreiras como bailarinos. Figuravam em numeros de variedade e como na localidade havia um concurso para crianças, Rosita inscreveu-se e tirou o primeiro premio, apesar de ser uma das mais pequeninas que concorreram.

Em Minneapolis, uma occasião, interromperam seu espectaculo e o enviado do juiz de menores allegou que áquella hora ella já devia estar na cama e não num palco, dansando. Emquanto gerente, paes della e o enviado do juiz foram discutir no escriptorio, ella mesma deu re-inicio ao numero e terminou-o, assim como ao acto, com extraordinarios applausos

sita...

da assistencia toda. O maior espectaculo em que figurou, na sua opinião, foi quando debutou no theatro Florida, de Buenos Aires, aonde apresentou-se, pela primeira vez, sob o nome de Viola Victoria.

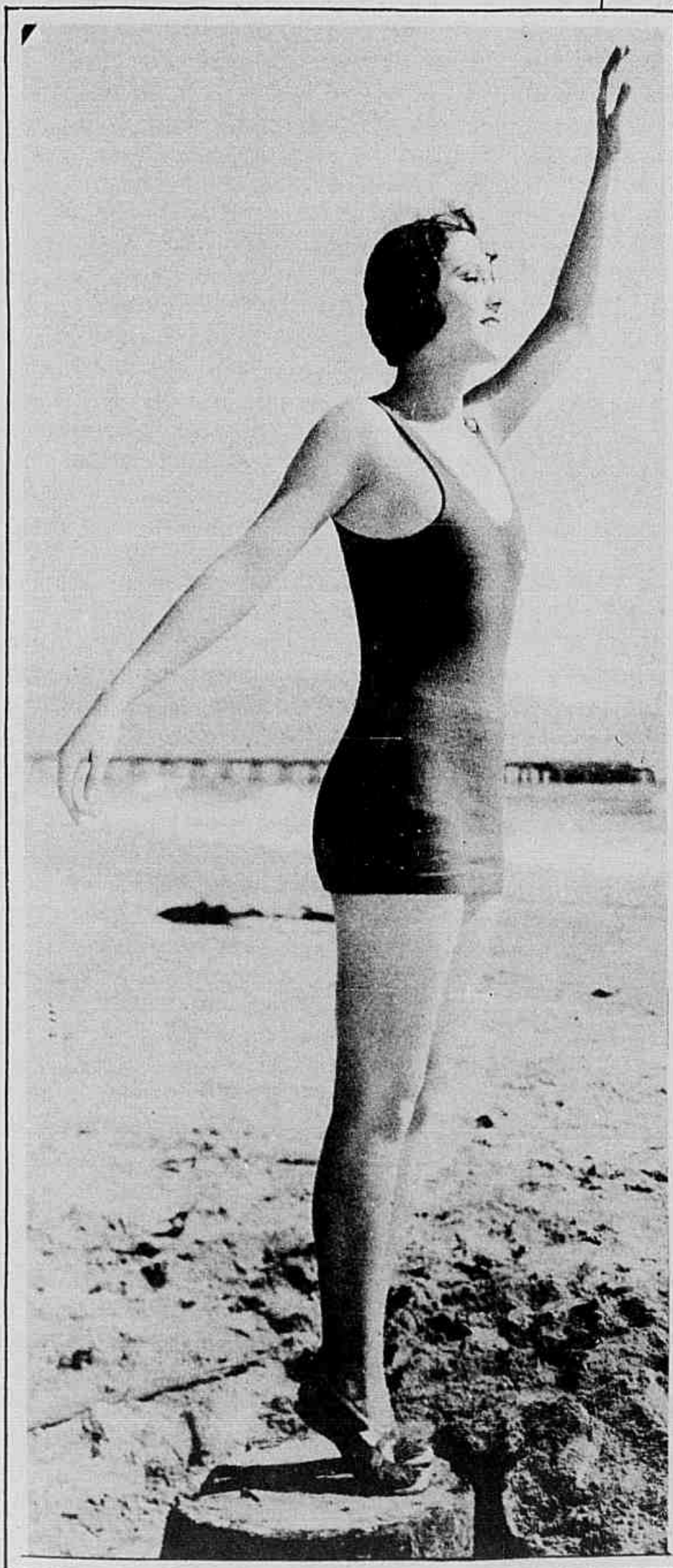
Em Lima, annos depois, figurando ella numa festa de escoteiros, dansou para elles e tão bem o fez, que, depois do espectaculo, enthusiasmados os mesmos, fizeram-na socia honoraria e acclamaram-na ao ponto de a commoverem profundamente. Dahi para diante, Rosita não fez outra cousa sinão propaganda aberta dos escoteiros e em Costa Rica, mesmo, teve a satisfação de se ver inscrever, em primeiro logar, justamente a filha do presidente Julio Acosta.

Isto tudo que ella vinha contando, entanto, nada mais era do que a sua vida artistica e como bailarina, apenas. Aliás, contando os momentos que tem vivido e os que tem dansado, acha ella que os dois quasi que se igualam... Ha tres annos, mais ou menos, a United Artists contractou-a. Entretanto, todo o tempo do contracto esteve sem fazer um só film e sem tirar um só *test*. Ganhou dinheiro, apenas e nada fez mais do que isso: ficar parada... Terminado que foi o tal contracto, voltou ella á sua antiga paixão, a dansa e continuou em *tournées* pelos paizes todos da America Central.

Com a vinda do film falado e, mais tarde, dos falados em hespanhol, Hollywood, para Rosita, tornou-se um iman forte e uma fonte promissora de futuras glorias. A Paramount, assim que a apanhou em Hollywood, deu lhe a primeira opportunidade, ao lado de Adolphe Menjou em *Amor Audaz*, a versão hespanhola de *Slightly Scarlet*. Depois, com *El Dios del Mar*, fez um papel que muito a elevou no conceito dos seus chefes e, finalmente, conseguiu

um papel num film em inglez, mesmo, ao lado de Richard Arlen.

Depois de terminado o almoço, dirigimonos por ali, conversando, sem mais o que fazer sinão, conversar, mesmo... Lembrando-me

Rosita Moreno já esteve no Brasil

que ella falou do Rio, perguntei-lhe o que pensava delle.

— Cidade formidavel. A impressão que me deu, foi de profundo, de immenso deslumbramento. Jamais me lembro, mesmo, de já ter contemplado, na vida, cousa assim linda! Mas a epoca em que passei por ella, era terrivel. Plena grippe hespanhola! E, assim, era terrivel e sinistro o aspecto geral da Cidade, toda soturna e abandonada, apenas com o rodar de caminhões e mais caminhões, todos cheios de caixões repletos de gente morta... Olhei-a. Rosita, imperturbavel, olhou-me tambem. Seus olhos, fluidos, negros e tentadores, eram dois peccados brincando com a gente. Quando me lembrei que ella dissera que em 1918 passara pelo Rio... Comprehendi, claramente, naquelle instante, como se fosse a luz de uma inspiração a vararme o cerebro, porque é que houve grippe "hespanhola" no Brasil...

Quando cheguei em casa, nesse dia, levava algumas rosas commigo. Na victrola, toquei a valsa "Rosita". Só parei de pensar em rosas e Rositas, mesmo, depois que me lembrei da "Rosita" de Mary Pickford e George Walsh...

Chevalier de Hollywood

(FIM)

seguiu, foi a fama mundial que adquiriu com o seu ingresso para o Cinema. E' uma cousa que o tem deixado pasmo, mesmo. Cartas da China, do Japão, da Australia, de pontos diametralmente oppostos! E tudo falando nelle, nos seus papeis para o Cinema e no seu film que assistiram... Um assombro! Gosto muito de lêr as revistas americanas de Cinema e apenas se aborreceu com um chronista que escreveu um artigo sobre elle, logo no principio de sua carreira e que o vendo cansado, exhausto, mesmo, confundiu o seu estado physico com *snobismo* e, depois escreveu um commentario bem ironico sobre isto, com o titulo *Monsieur est fatigué*.

— Não me importo com o que dizem ou digam de mim. Aprecio a justiça nos commentarios, entretanto. Conheço, melhor do que ninguem, meus defeitos, minhas fraquezas. Não existe um só mortal que não os tenha. Se lêr algum delles num artigo, não me zangarei, absolutamente e até felicitarei o articulista pela sua aguda observação. Mas mentira e má observação, confesso, não tolero. Esse cavalheiro ao qual me referi, não escreveu cousas ruins, realmente. Afinal, seria o cumulo mesmo, que isso elle fizesse, porque eu, de ruim, só tinha a terrivel canseira que me indispunha completamente. Mas elle errou lamentavelmente e indignamente quando suggeriu que eu era convencido e presumpçoso. Foi por causa disto que me aborreci. Mas não tem importancia. Muitos outros escreveram, em compensação e disseram outras tantas mentiras, mas... elogiando, o que me deu a victoria, com certeza...

E aqui está um pouco do que conversamos e do que observamos sobre Chevalier. Não o achamos convencido e nem nada disso. Achamol-o distincto, digno e amavel, mesmo. Chevalier é realmente digno da admiração que lhe devota o povo yankee e os povos de todo o resto do mundo, igualmente.

Cinema de Amadores

(FIM)

amiga da duqueza levanta-se e sahe apressadamente de scena.

28 *Longshot* — Um grupo de senhoras e senhores aristocratas que conversam a um canto do salão. A amiga da duqueza entra em scena e conta o facto da liga aos presentes. Movimento geral de espanto e consternação. Todos se entreolham. Trocam pequenas phrases. Os cavalheiros encorporados, afastam-se das senhoras e iniciam a procura da Liga.

29 — *Shortshot* — Detalhe de um senhor marquez que procura a liga da duqueza. Abaixa-se, e pondo-se de joelhos procura-a por baixo de um sofá.

30 *Shortshot* — Detalhe de um grupo de senhores procurando a liga da duqueza por traz das cortinas.

31 *Shortshot* — Terceiro detalhe de senhores procurando por baixo de mesas e detraz dos grupos. Pode-se tambem incluir um grupo de cavalheiros que levanta a ponta do tapete, em procura da liga.

32 *Close up* — O barão sorri e pisca um dos olhos, como quem se sente possuido, de subito, de uma idéa reveladora.

33 *Mediumshot* — O capellão acha-se de novo sentado, conversando com uma senhora. O barão entra em scena, pela parte de traz. O capellão está de costas para o barão, não vendo pois que elle se aproxima.

34 *Close up* — O barão nota qualquer coisa, e sorri.

35 *Close up* — Detalhe do livro de orações, ao lado do capellão, sobre o sofá onde este se acha sentado, conversando com a senhora aristocrata.

36 *Shortshot* — O barão aproxima-se e apodera-se do livro de orações, sem que este o note, afastando-se e sahindo de scena.

37 *Longshot* — O barão atravessando o salão.

38 *Mediumshot* — A senhora duqueza encontra-se rodeada de suas amigas e ainda falando sobre qualquer assumpto. O barão entra em scena. A duqueza nota-o, espantada. O barão faz uma mesura.

39 *Close up* — O barão falando á duqueza.

40 *Titulo* — "Tive a dita, senhora duqueza de encontrar a vossa liga no logar mais inesperado. E por isso, achei prudente vir pessoalmente devolvel-a..."

41 *Close up* — Expressão de estremo espanto de parte da duqueza e suas amigas.

42 *Shortshot* — O barão levanta as mãos lentamente, e mostra o livro de orações do padre capellão.

43 *Close up* — Detalhe do livro de orações do capellão. As mãos do barão abrem as paginas do livro, mostrando, escondido entre ellas, a liga da duqueza. A camara movimenta-se verticalmente, para focalizar o rosto do barão, que sorri maliciosamente.

44 *Medium shot* — Grupo das amigas da duqueza, que manifestam o mesmo sorriso malicioso do barão, emquanto a duqueza, ao centro, demonstra espanto e surpresa inauditas. Escurecimento muito lento (Fade-out).

45 *Titulo* — Fim.

Suprema culpa

(FIM)

Minutos antes de Bob ir para a sentença, Carolyn, sem nada que fazer naquella suprema angustia, começa a folhear a biblia de seu velho pae, automaticamente, quando depara, numa das paginas da mesma, uma letra que era sua conhecida. Lê, attenta e descobre a seguinte phrase:

— *Morro, porque sou incapaz de viver. Não culpem a ninguem. Polk.*

Era a declaração de seu pae. Seu pobre pae que se tinha suicidado para sua felicidade...

Rapida, providencia com a Penitenciaria e livra Bob da sorte infame que lhe estava reservada.

Nos beijos que trocaram, Bob e Carolyn encontraram um novo sabor: o olhar sympathico e o sorriso de approvação que o velho Lee dava áquella união, reconhecendo, afinal, os erros que commettera contra aquelles jovens e contra o velho Polk, heroico e innocente.

Flor do peccado

(F I M)

Meu filho, o que vaes ter, no emtanto, é uma luta insana para mudar-lhe os instinctos...

Sahindo dali, Raul esperou que chegasse o momento propicio para se encontrar com Joan. Ia participar-lhe a sua intenção de se casar com ella, legitimamente e, quando a encontra, tem a grande tristeza de constatar que ella, enfurecida contra o pastor, tomára parte num assalto á cathedral e, de lá, apenas chegada naquelle instante, trazia vultosos objectos e dinheiro, mesmo dos cofres.

— Vaes devolver isso, Joan?

— Devolver cousa alguma! Sáe dahi!!!

E antes que elle tivesse tempo para deter seus passos, precipita-se ella em fuga, antes da policia chegar, juntamente com os apaches seus companheiros.

Perseguindo-a e procurando, por todos os meios, fazer o que entendia, Raul não nota que Lupine vem em seu encalço. Quando já alcançava Joan e, com certeza a obrigaria a realizar aquillo que era sua intenção, Raul recebe uma profunda punhalada pelas costas, faca essa que Lupine atirára da distancia em que se achava e, antes que Joan conseguisse chegar em seu soccorro, rodava elle pelo boeiro do esgoto ali existente e aberto e sumia-se na escuridão daquelle buraco infecto, sob grande desespero e profundo arrependimento de Joan.

* * *

No dia seguinte, Joan procurou o pastor. Confessou-lhe o roubo. Devolveu tudo que estava em seu poder e ainda promettendo tudo fazer para que seus collegas tambem devolvessem o que haviam saqueado. A unica cousa que ella pede é que comsiga o pastor o encentro, ao menos, do cadaver de Raul, se é que elle não tivesse a felicidade de apparecer com vida.

Lupine, ouvindo aquella conversa toda, escondido, força Joan, sob pretexto de auxilial-a na devolução das demais joias da Igreja, a casar-se com elle e depois que ella jura que o fará, retiram-se todos dali, no maior silencio.

* * *

Naquella mesma noite, Raul é encontrado e scientificado pelo pastor Colomb do casamento de Joan.

— Ella o fez, Raul, para que Lupine devolvesse as joias que havia roubado ao templo. Foi uma heroina, é o que afianço! Raul, no emtanto, espera apenas que voltem-lhe as forças, novamente, para tomar suas resoluções.

Nesse interim, na agua furtada de Lupine, tinha logar a lua de mel de ambos. Mas eram encontrões, empurrões, soccos, mesmo e, ás vezes, um grito abafado de Joan e um urro de colera de Lupine. Elle a agarrava, com brutalidade e tentava sugar-lhe, nos labios, o primeiro beijo que ha tanto tempo sonhava colher ali. Vendo que não conseguia, mesmo, Lupine, enfurecido, provocado pela repugnancia de Joan, diz-lhe tudo quanto lhe interessava dizer.

— Não me queres, não é?... Pois

(*Termina no fim do numero*)

Mulheres e... nada mais

(Continuação do numero anterior)

— Que tens? Estás com medo do que Papae vá dizer?... Ora, bobinho, elle nada dirá... Não sabes que eu mando nelle um bom pedaço?...

— Montana, não é isso. Eu sinto pena é de ir entregar você, novamente, á musica, ao prazer, á *farra*... Não poderei competir com os galãs da fazenda e talvez tenha que intervir com meus methodos em algumas situações aborrecidas para mim... E' isso que me entristece.

— Ora, queridinho, não sejas tolo!

Deu-lhe um beijinho e continuou falando.

— Não trocaria teus labios, meu colosso, por toda New York... Grover Whalen, Hoboken, Brooklyn, etc., perto de você, Larry, são brincadeiras de crianças...

—

Horas depois chegavam á fazenda Prescott. Entraram. A musica dominava o ambiente.

— Hey! Hey!...

Gritou ella logo á entrada. Cercaram-na. Elizabeth, moças e rapazes, todos, queriam beijos e queriam apertos de mão...

— Por favor! Agua!!! Um instante para eu conseguir falar... Meus senhores, peço a palavra!!!

Nesse instante Papae entrou pela sala a dentro. Abraçaram-se pae e filha.

— Então, maluquinha, aqui, novamente...

— Novamente, não, Papae. Sempre...

— Como?...

— Ora... Larry!!!

Larry entrou e poz-se diante do grupo. Prescott, vendo-o, estendeu-lhe a mão.

— Como vae, Kerrigan?...

— Bem, senhor.

— Vamos, Larry... Conte-lhe tudo!

Houve um murmurio. Todas as attenções voltavam-se para aquella sensação que ia surgir dalli, com certeza. Conheciam Joan. Sabiam qual era seu juizo... Larry titubeou. Depois, encarando o sogro, falou, firme.

— Ella é minha esposa!

— O que?

O murmurio fez-se clamor. Depois, houve novo silencio. Prescott, reagindo ante a surpresa, terminou a phrase.

— Acompanha-me. Preciso falar-lhe!

Joan cahiu nos braços de seus amigos que começaram a felicital-a. Larry acompanhou Prescott e com elle fechou-se no escriptorio. Segundos depois, alguem que ali entrasse ouviria este dialogo.

— Quer dizer que está plenamente satisfeito, radiante, mesmo?...

— Isso mesmo!!! Radiante!!!

— Mas... Mr. Prescott, por que foi, então, que o senhor se mostrou tão raivoso?...

— Psiu!!! Caluda, homem! E' que Joan sempre gostou de me contrariar. Se, por acaso, ella comprehender que você me agrada... prompto! nada feito e o seu casamento será logo annullado... Mas, póde crer, sou o homem mais feliz deste mundo!

— E eu, Mr. Prescott, já que é assim, o genro mais satisfeito do universo... Quanto ao casamento, nós do Sul, Mr. Prescott, só nos casamos uma vez e sempre preferimos não trocar de esposa...

— Bravos! E' o que serve, meu rapaz. Quanto ás palavras, continuaremos azedos, um com o outro e na mesma, comprehendeu?...

— Certo!

Joan entrava.

— Ainda não se deu o assassinato?... Então, Papae, que tal o novo membro da nossa familia?...

— Filha, ainda é cedo para julgar. No emtanto... garanto-lhe que é o mais sympathico que até hoje você arranjou...

Riram. Larry, depois, apanhando seu chapéo, disse a Joan.

— Montana... Vamos, já é tarde.

— Vamos?... Vamos para onde?... Perguntou Mr. Prescott.

— E' que, Mr. Prescott, eu tencionava passar a noite com Rim Healy e sua mulher, lá ha commodo e assim, amanhã, eu conseguiria um local mais confortavel para nos installarmos, de vez.

A surpesa custou, mas desfez-se.

— Deixa disso, rapaz! Quem manda sou eu e digo-lhe que vae ficar aqui commigo mesmo.

— Quem é que o senhor disse que manda, Papae?...

— Isto é... Tens razão, pequena! Nós mandamos...

Tornaram a rir embora Larry não gostasse totalmente do significado da phrase. Depois, quando ella tornou a sahir e deixou os dois homens a sós, novamente, Prescott disse.

— Meu rapaz... Pancadaria em cima della se é que não queres que te deite o selim ás costas...

—

Seriam umas vinte e tres horas quando Larry subiu para seu quarto. Somnolento, cansado, surprehendeu-se devéras quando encontrou Joan em trajes de *soirée*.

—Que negocio é esse, querida?...

— Negocio?... Ah!... Então pensas que ainda estamos nos mattos do Bar L. Ranch, Larry?... E' apenas agora que está *raiando* a noite... Artigo primeiro: a festa que anda lá em baixo bulindo com meus nervos. Artigo segundo: o banho que tomarei quando subir. Artigo terceiro: isso é musica que se aguente sem dansar?... Vamos, Larry, deixa de carrancas!

Instantes depois eram algumas pencadas que soavam á porta e, depois, rapidas, as pequenas e os rapazes, em algazarra, guiados por Elizabeth, que entravam e dirigiam-se a Joan.

— Vamos, *sister!* A casa de campo de Joe nos espera para uma phenomenal *farra* em tua homenagem e do teu... vistoso marido! Tens poucos minutos para beijos e preparativos...

Olharam-se. Todos haviam sahido. Larry preferiu olhar a lua, pela janella. Joan resolveu-se. Abriu a porta, gritou para baixo, para Elizabeth.

— Vocês podem ir, sabe? Nós iremos em seguida!

Larry já estava ao seu lado quando ella tornou a entrar para o quarto. Tomou-lhe as mãos, carinhoso, beijou-as. Joan estava quasi aborrecida. Larry falou-lhe, com aquelle seu sotaque sulino, tão agradavel e tão sugestivo...

— Querida... O que se passa commigo, não é implicancia. Comprehenda: não tenho roupas, sinto-me cansado, não sei se seus amigos se rirão de mim ou não... Montana, você me comprehende?... Mas, se quizeres...

Relutou alguns instantes e, depois, intimamente convencido de que ella não acceitaria, disse.

— Poderás ir com elles que eu ficarei dormindo e... esperando.

Joan voltou-se para elle. Seu semblante illuminou-se rapidamente e num instante ella o bebijava, vestia o *manteaux* e descia rapidamente as escadas ao encontro dos que já sahiam em demanda da casa de Joe. Larry continuou surpreso até que a viu desapparecer... Depois, ainda atordoado, deu corda no despertador, pol-o para seis horas, e preparou-se para dormir.

Quando Joan entrou, Larry já estava de pé, preparado para ir para o trabalho. Beijou-a para todo o dia e poz-se para o serviço, sem olhar para traz, com uma profunda amargura cravada em seu coração e sem siquer se lembrar de que Joan mal sentira o beijo que lhe déra, tal era seu estado de somno e *wkisky*...

—

Briguinhas, discussões, cortejo de proximo divorcio, foi o que aconteceu a seguir. As festinhas continuaram. Na noite da vespera da partida de Mr. Prescott para New York, em companhia de Elizabeth, houve uma grande festa. Mesmo os *cow boys* haviam sido todos convidados para tomar parte nos festejos.

Quando Larry subiu as escadas e entrou em seu quarto para se preparar para a festa, notou, surpreso, que, sobre a cama achava-se um completo traje de rigor. Era um *presente* de Joan ao seu *marido*... Depois de algumas duvidas e incertezas, Larry metteu-se no *smocking*. Não se sentia bem naquillo, mas, emfim...

Joan, mesma, quando viu Larry naquelle traje, sentiu-se emocionada. Estava mais vistoso do que nunca. Mais sympathico, mais fascinante. Sentiu até ciumes dos olhares que aquellas pequenas famintas de *flirts* lhe lançavam, á passagem... Larry dansou com Joan. Depois, foi fumar um cigarro emquanto Joan dansava com outro. Era uma tortura aquella festa, positivamente...

A orchestra, formidavel, expressamente vinda de New York, começou os accordes de um sensual e entorpecente tango argentino.

— Que musica! Quem quer ser meu par?

Era a voz de Joan, arrebatada pela melodia de Buenos Aires.

Jeff, sempre sequioso dos carinhos de Joan e agora vendo novas e mais fortes probabilidades, avançou, venceu todos os concurrentes e enlaçou-a para a dansa. Todos fizeram circulo. Joan era a melhor dansarina da *turma* e Jeff, sem duvida, o melhor. Sucesso, portanto...

Quando elle a enlaçou, ella sorriu para elle. Corpos mais unidos de que o necessario, musica de passos complicados e feitos de proposito para provocar uma declaração ou uma explosão de amor, nada havia de mais, portanto, do que Jeff perder a cabeça e começar a ferver o sangue de Larry...

Os *cow boys* achavam aquillo engraçado. As pequenas, maliciosas, sorriam. E os rapazes já procuravam endereços de professores de tango argentino... Larry, no emtanto, prestava attenção firme aos manejos de Jeff, o elegante e empomadado elegante de New York...

Depois, quando a dansa terminou e o ultimo accorde do *bandoneon* fechou a melodia, na forma do usual. Isto é. Do usual nas festas das filhas de

Prescott! Jerff curvou-a para o chão e, em seguida, trazendo-a rapidamente ao encontro do seu peito, perdeu totalmente o controle de si mesmo e arrumou-lhe, ante o escandalo de todos, um tremendo beijo nos labios. Segundos depois, estatelado no chão, ainda sentia sobre os queixos o peso terrivel do pulso de Larry.

— Seu animal!!! Seu immoral!!! Levante-se, vamos continuar o nosso *tango*, vamos!!!...

Jeff ergueu-se. Um murro mais tremendo ainda atirou-o longe e inanimado. Depois, antes que alguem conseguisse reagir, elle apanhou Jeff, com suas mãos, como se fosse um boneco e atirou-o para a sala contigua, brutalmente. Joan, sem poder falar, pregada ao chão, parecia mumificada. Elizabeth, chorando, confortava o misero queixo do seu infeliz Jeff.

— Venha!!!

Disse Larry a Joan e avançou para ella.

— Detenha-te! Agora, vamos, peça desculpas a todos os meus amigos e convidados, vamos!!! Seu... Vamos!!!

Colerica, furiosa, Joan ahi é que poude dar expansão a tudo quanto lhe occorrera naquelle instante em que, pela vez primeira, um homem fazia-lhe uma brutalidade e destruia uma de suas festas.

— Menina, eu não costumo pedir perdão ou desculpa á quem quer que seja. No emtanto, você é muito provavel que me peça, por esta que agora acaba de me fazer...

— Vamos!!! Digo-lhe que peça desculpas!!!

Berrou-lhe Joan com toda furia dos seus pulmões.

— Montana! Você não comprehende...

— Montana uma conversa, seu coisa!!! Vamos! Ou peça desculpas, já, ou retire-se, seu... seu animal! Não me appareça mais aqui! Já tenho de você o sufficiente, sabe? A dóse maior! Chega! Saia da minha vista, seu patife!!!

Larry olhou-a, profundamente e depois, sem constrangimento e com um profundo olhar de despreso, retirou-se, rapido. O pessoal da sala nem sabia o que fazer. Se continuar a dansar ou se... Ficaram tontos!

— Joan vae comnosco, Larry e, creia, eu sinto isto devéras

Era Mr. Prescot que, no pasto da fazenda conversava com Larry, horas antes da comitiva partir.

— E ella não me quer ver nem que seja um instante só?...

— Não. Ella está irreductivel e, infelizmente, eu nada posso fazer. Mandou-lhe isto...

Tirou do bolso um ânnel de clina de cavallo, com o qual Joan se havia tornado esposa de Larry e deu-o ao rapaz. Larry olhou profundamente aquillo.

— Quando partem?...

— Daqui ha pouco. Quer mandar dizer alguma cousa á ella?

— Não. Está tudo muito bem. Boa viagem, meu senhor...

Joan, quando o trem dobrou a ultima curva da estrada, ainda teve esperanças de pôr mais uma vez os olhos em Larry. Afinal, era seu orgulho que sempre a estragava. Sempre e em todas as circumstancias. Pelos seus nervos e pelo seu primeiro impulso, offendera brutalmente os brios de Larry. Depois, pelo seu orgulho, não consentira que elle a visse mais e nem siquer lhe déra um adeus. Arrependia-se, profundamente. Mas não tinha coragem para quebrar o seu profundo respeito humano...

Jeff, com um copo de *whisky* acercou-se.

— Beba isto, vamos e... esqueça a sua aventura... *equestre!...*

Joan apanhou o copo e verteu aquillo de um só trago. Deixou-se enlaçar por Jeff já sentia, mesmo, que acabaria era arruinando a felicidade de Elizabeth, mesmo... Começaram a dansar ao som da victrola.

Numa estação depois do rancho, o trem deu uma freiada subita e todos foram mais ou menos precipitados a distancia. Depois, quando se fez ordem e quando Jeff a tinha mais enlaçada om seus braços, ainda, pois ella já estava atordoada e insensivel, ergueu elle o seu copo e saudou, emquanto o trem não partia, novamente.

— A' saude da ex-senhora Kerrigan e á felicidade da *nova senhora* Prescott...

Todos se riram. Um tiro, porém, secco e rapido, partiu o copo nas mãos de Jeff e antes que elle conseguisse articular uma só palavra já um grupo de bandidos, mascarados, invadia o vagão. Vestido á mexicana, o atirador avizinhou-se de Joan.

— Vae dansar para mim, *señorita* e, depois, se *prestar*, irá commigo. Eu ha muito que preciso de uma dansarina em minha companhia...

Era uma voz surda, rouca e fannhosa. Ninguem a conhecia. Joan, sempre altiva, respondeu, impetuosa.

— Danso cousa nenhuma!

— Ora, *señorita*, dansa e dansa bonito...

Deu uns tres tiros quasi sobre seus pés. Aterrorizada, Joan gritou.

— Jeff!!!

Este quiz intervir. O bandido gritou-lhe, violento.

— Mãos para cima, seu *pomadinha!!!* Vamos!!! Agora danse, vamos!!! E não pense um instante si quer que este grande covarde, este immesmo patife a possa valer para alguma cousa que seja... Danse!!!

E já se preparava para atirar, novamente, quando ella se poz a dansar, brandamente.

— Chega!

Joan parou.

— Você serve, sim. Vae commigo, agora mesmo!

Agarrou-a, incontinente e puzeram-se todos em retirada. A' porta; Joan gritou, desfazendo-se do tremendo susto.

— Jeff!!! Não deixes que elle me leve!!!

Mas que Jeff, que nada! Jeff estava é firme ao lado da Elizabeth, tremulo e pallido como victima de subito impaludismo...

— Dou-lhe minhas joias, meu dinheiro, senhor, mas deixe-me em paz!!!

— Que companheiros que a *señorita* tem... Realmente... Tão grandes, tão fortes, tão *conversas!...*

O bandido sorriu, abertamente, vastamente e depois guardou o revolver.

— Ha alguem que queira tomar esta senhorita das minhas mãos?... Prometto-lhes, sob palavra de *homem*, que ninguem me protegerá e que não usarei de armas... Ha alguem?...

O silencio de um tumulo seria maior do que aquelle que ali se fez... Joan, vendo que ninguem tomava suas dores, comprehendeu a sorte de individuos que eram aquelles que sempre a acompanhavam, gritou-lhes, quando já sahia carregada por aquelle bandido que desanimara de ver tanta covardia, tanto *heroismo...*

— Covardes!!! Corja!!!

Foram suas ultimas palavras áquella gente. Depois o trem poz-se em andamento e Joan sentiu-se jogada para um sellim, bem em cima dos joelhos do seu raptor...

Quando o trem já andava longe e os companheiros delle se afastaram, elle lhe disse.

— Agora, *señorita*, o meu primeiro premio, como lembranças ao seu marido... se é que tem um!

Agarrou-a. Ella resistiu. Inutilmente, aliás. Elle a prendeu com força, agarrou seus cabellos com selvageria e, com impeto, embebeu seus labios nos della, com soffreguidão e com ansia.

— Larry!!!

Gritou ella, olhando aquelle homem mascarado e arrancando-lhe violentamente a mascara.

Era Larry, realmente.

— Larry, meu amor, não conheci sua voz. Mas o seu beijo, querido, eu conheceria ainda que fosses o ultimo de um milhão de homens a me beijar...

A lua é que presenciou, durante aquelle regresso ao rancho Prescott muita cousa que, se fosse indiscreta, poderia contar á gente...

Artistas de aluguel...

(FIM)

Prompto! Passou a *astro!* O seu presente contracto de cinco annos representa uma fortuna para elle! O seu contracto, nessa clausula de *emprestimos*, reza uma s'rie de cousas que, afinal, são beneficios para Lew, mesmo. Para que elle seja emprestado, faz-se mistér que a fabrica que o tome emprestado não arrange uma historia mediocre ou fraca. Porque, sabe-se, nada ha como uma ou duas fitinhas fracas para arrazar um artista... Assim, Lew só é emprestado para figurar em cousa muito boa e a fabrica de Laemmle só o empresta depois de saber no que é e para que é que elle vae ser *alugado...*

No caso recente de John Boles, *alugado* á United, o contracto tinha uma clausula engraçadissima. O numero de canções que elle iria cantar foi estipulado e determinado, não podendo elle, nem que a United mandasse, sahir fóra daquillo... Até o numero de canções é *alugado!...*

Douglas Fairbanks Jr., recentemente, fez grande successo em *The Little Accident*, para a Universal. Elle é na First National, no emtanto... Neste film, além de Douglas, figuram Anita Page, emprestada da M. G. M. e Sally Blane, da R. K. O... O typo do film *emprestado*, não é.?..

Ha outros casos, ainda, nos quaes as fabricas não fazem muita fé em determinado artista, como no caso de Stanley Smith, com a Paramount, recentemente, mas, depois, quando vêm que uma determinada fabrica toma muito interesse nelle, ahi é que vão observar e ver o que ha com o mesmo para, depois, chamal-o ao contracto e não o deixar mais *sahir emprestado...* Foi o que se deu com elle. A Pathé gostou do seu trabalho e ameaçou novo *aluguel* para mais um film. A Paramount observou, não deixou e já está melhorando as historias para Stanley Smith...

elle trabalhou, foi uma das boas amisades de John Barrymore. Juntos divertiam-se á grande e não raro bebiam juntos alguma cousa *escondida* que Barrymore levava para seu camarim. Muitas e muitas vezes, entrando pelo camarim do artista, encontravam os *chefões* a figura humilde de Jim e, para não desgostar John, eram forçados a aturar Jim e até conversar divertidamente com elle...

Uma vez, quando elle veiu de Nova York para Los Angeles, afim de cumprir um novo e importante contracto Cinematographico, encontrou, na estação, esperando-o, *chefões* e, tambem, o seu humilde Jim. Assim que desceu, depois de responder aos cumprimentos, estreitou elle a Jim nos seus braços e lhe disse:

— Então, meu velho, aonde está a tua charanga? Vamos!

E com espanto geral, deixou o ajudante de ordens junto com os *chefões* e fazendo com que sua bagagem embarcasse nas *Rolls Royce*, foi pacatamente para casa no velho Ford de Jim.

Ha um trecho de Barrymore, nos Studios, que infelizmente não foi filmado, mas que vale por uma grande peça de representação sua.

De uma feita, tendo elle combinado com seu amigo Bill, photographado que era o unico que tirava suas *poses* e seus *stills*, que iriam no dia seguinte, que era domingo, ao prado local assistir a umas corridas, viram, ambos, que esses planos iam por terra pela ordem que elle recebia do Studio, para filmar a noite toda, se possivel, para que terminadas fossem umas tantas e determinadas sequencias do seu film. Ora, dormindo pela madrugada, Barrymore não se levantaria á hora de apanhar o trem, evidentemente e, assim, perderia a corrida. Olharam-se, quando viram a tal noticia e Barrymore, implacavel, disse serenamente:

ALGUMA COUSA SOBRE JOHN BARRYMORE

(FIM)

— Não creio, Bill amigo, que vá haver filmagem até muito tarde, sabe? Nós iremos ás corridas, entendeu?

Bill desanimou, porque, como sempre, conhecia os dispositivos dos Studios e sabia em que ordem sempre marchavam as filmagens e as ordens, ainda que fosse um Barrymore o artista principal. Havia, na scena em que elle entrava, uma capa que elle tinha que usar e que ás primeiras scenas começou a cahir, desastradametne. Justamente quando estavam recomeçando, umas visitantes curiosas invadiram o *set* e, assim, por mais tempo ainda interrompeu-se a filmagem. Depois, quando as cavalheiras se afastaram um pouco e a mesma poude ser reiniciada, cahiu a capa, novamente. O que se passou, então, foi formidavel. Barrymore, enfurecido, mais féra do que gente, começou a dizer os mais terriveis palavrões, que puzeram as visitantes em fuga e, ainda, apanhou a tal capa e arrebentou-a toda, pondo-a em misero estado. Depois, apanhando uma cadeira, arrumou tudo que era montagem ao chão e, ainda, ameaçou liquidar com o director e com mais alguem que quizesse se oppôr. Foi uma scena de furia e vandalismo que bem mostravam o seu genio e o seu impeto colerico.

Horas depois, quando Bill se approximou da porta do seu camarim, timido e medroso, tambem, para lhe perguntar se ainda tinha idéa de ir ás corridas, no dia seguinte, viu de lá sahir um dos gerentes do Studio que lhe perguntou, ainda vermelho de emoção:

— Vaes entrar ahi? Cuidado que o homem está uma fera!!!

Bill respondeu que sim e, tomando-se de coragem, entrou. Barrymore encarou-o. Depois, desfazendo todo seu rosto enfurecido, soltou uma tremenda gargalhada e disse, ainda rindo:

— Então, Bill, gostaste? Que tal a scena? Eu não te disse que não perderiamos as corridas e que não trabalhariamos até tarde?...

Ha pouco tempo, Winston Churchill, o estadista britannico, visitou os Studios e Barrymore em particular. Fazia questão, mesmo. Quando sahiu a dar umas voltas pelo Studio, Barrymore apresentou-o a uma unica pessoa e outra figura humilde que elle prestigiava com a sua amisade, Tiny Jones, a arrumadeira do *lot* e antiga empregada de Dorothy Mackaill.

— Mr. Churchill, esta é sua conterranea e uma personalidade, creia!!

Foi como a apresentou ao estadista inglez.

De outra feita, apresentaram-lhe um novo gerente de producção.

A apresentação fez-se com a desconfiança de ambos os lados. Olhavam-se com os rabos dos olhos e não se viam de todo bem. Barrymore mandou que servissem um aperitivo. Chegado que elle foi, serviu-se elle de uma dose dobrada de *whiskey* e enguliu-a, num só trago. Quando chegou a vez do gerente, poz elle dose ainda maior e, tambem de um só trago, sorveu aquillo sem careta e com uma tremenda pericia.

Barrymore olhou-o. Depois soltou uma daquellas suas gargalhadas sinistras e, batendo-lhe nas costas, exclamou:

— O. K., Mr., você é dos bons! Toque aqui!

Apertaram-se as mãos. Ficaram amigos de todo geito. Principalmente nos copos...

O que Norma Shearer, pensa do amor

(F I M)

monial, mesmo. Porque a independencia financeira de uma mulher torna-a capaz de até neste ponto ter o respeito de seu marido.

A cousa mais sublime do amor é a admiração e o respeito de um conjuge pelo outro, a vida toda. Aquelles que vivem assim são forçosamente felizes.

E' inutil que este ou esta digam que jámais se apaixonarão, que *amor* não lhes interessa. Inutil! Quando o amor chega, vence todos os obstaculos, derruba todas as barreiras e, quando a pessoa tenta a ultima resistencia, cahe com a pressão do beijo que é o laço mais forte do sentimento-amor.

Depois de uma mulher conhecer o verdadeiro amor, o homem que ella ame passa a ser, na sua vida, o supremo idolo e os outros, não sei porque, méros idiotas. E' uma questão de ponto de vista...

Comprehendi a intenção do idiota e quando fechei o papel e comecei a traducção, tive a impressão que Irving Thalberg era o homem mais feliz do mundo e que eu, afinal, não passava de um idiota, mesmo, a esperar confissões sobre o amor, vindas de mãos tão lindas como as de Norma Shearer e falando de um barbado que é seu feliz marido...

MENTIRAS DE MULHER

(F I M)

— A experiencia. Eu mesma, nesse caso, fui muito illudida. Mas Luisa, meus pequenos...

E, ali, deante da personalidade simples daquellas creanças, Hilda demonstrou, claramente, quem era Luisa Rollan. O seu caracter, o seu amor verdadeiro e honesto pelo Roberto Devai. Os sentimentos que ella propria, sua amiga intima, menosprezara e julgara mal e que para ella, Luisa, eram a cousa mais sagrada e mais decente de sua vida.

Quando terminou o que tinha a dizer, Hilda vencera os corações de Bob e Adelina. Demasiadamente joven, Bob não comprehendera a attitude de Luisa. Adelina seguia os conselhos de seu irmão mais velho, apenas e, assim, resolveram reconquistar a amisade de Luisa e consentir, pela parte que lhes cabia, naquelle enlace. Convenceram-se, pela descripção de Hilda, do caracter e das intenções de Luisa Rollan.

Foram encontrar seu pae, logo depois, no appartamento de Luisa. Lá ella tinha ido, desgostoso como estava com a opposição tremenda de todos os seus para pôr termo, elle proprio, áquelle amor que era sua vida, igualmente. Encontrara Luisa em lagrimas. Foram duras de mais as palavras de Bob e quando elle lhe disse a que vinha, ella concordou sinceramente e humildemente com o que elle lhe dizia e apenas esperou que elle se retirasse. E se ali ainda estava, quando Bob, Adelina e Hilda chegaram, era porque elle ainda queria dar algumas explicações a Luisa e, para tanto, precisava fazer longas exposições de factos que Luisa não ignorava, tambem.

— Papae, achamos que se deve casar com ella. Francamente, não sabiamos que era tão distincta e tão bondosa...

E abraçaram Luias. A commoção embargava as palavras de todos que ali se achavam. Lusia, pouco comprehendendo daquillo, ainda não queria crer na sua felicidade. Roberto, tambem, deixava-se vencer pela intervenção de seus filhos. Hilda, satisfeita, exultava igualmente, e quando Roberto e Luisa trocaram um beijo de amor, profundo e immenso, nos olhos de seus filhos reflectia-se a felicidade que lhes proporcionava esse final magnifico para todos aquelles aborrecimentos e tristezas dos dias passados.

Flor do peccado

(F I M)

bem: eu matei teu irmão. Eu matei teu amante!!! Mato-te, vil creatura, ati propria, se não te entregas pacificamente aos meus carinhos! Joan, não comprehendes o profundo amor que tenho aos teus olhos, aos teus labios, a ti propria?...

E avançou de novo para ella. Aquella confissão, no entanto, deixara-a atordoada. Quando comprehendeu, no emtanto, claramente quem era Lupine e que elle dissera que Petite fôra elle quem matára... Ahi perdeu completamente a calma. Lutou com Lupine. Tremendamente, violentamente e vendo que era de todo impossivel vencel-o e que, ao contrario, ella é que acabaria vencida pelos seus impulsos medonhos, tomou ella a suprema resolução. Num instante em que Lupine se distrahiu, ella, dando uma corrida, atirou-se pela janella.

Lá em baixo, sériamente machucada, Joan teve a satisfação de ser amparada pela propria policia que já vinha no encalço de Lupine, accusado de muitos crimes e roubos. Amparada pela lei, Joan é enviada a um hospital e posto que Lupine reaja e lute contra os seus assaltantes, é ferido e, morto, é conduzido para o necroterio da policia, já que vivo não o conseguiram apanhar para pagar pelos seus crimes e peccados.

* * *

Dias depois, com Raul ao lado, vivendo os seus primeiros dias de verdadeira felicidade, Joan restabelecia-se e comprehendia, afinal, que o amor sincero daquelle medico que conhecera odiando, era tudo de bom e de magnanimo que lhe restava na vida.

Beijaram-se muito e combinaram com o pastor Colomb o casamento do dia seguinte...

AVISO

Afim de regularizarmos a remessa, pelo Correio, das nossas publicações, solicitamos a todas as pessôas que as recebiam, enviar com urgencia seus endereços ao escriptorio desta Empresa á rua da Quitanda n. 7 — Rio de Janeiro.

PODEMOS
PROVAR
O SUCCESSO E A
POPULARIDADE
DAS NOSSAS
REVISTAS
PELOS
MILHARES
DE CARTAS
QUE NOS CHEGAM
CADA DIA...

NÓS
OFFERECEMOS
DINHEIRO...
SÍM,
Porque todos ganham
dinheiro e augmentam
as suas vendas
annunciando
nas Revistas:
Eu vi: - Para-todos... - Cinearte -
O Tico-Tico - Moda e Bordado -
O Mez Illustrado - Illustração
Brasileira - Leitura para todos

IPANEMA T.N.
611
a
melhor pasta
para dentes